



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE TRÂNSITO, TRANSPORTE E ATIVIDADE ECONÔMICA.

PRESIDENTE: SENIVAL MOURA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Paróquia Santo Antônio de Lisboa – Salão Anexo – Rua Euclides Pacheco,
1980 – Vila Gomes Cardim

DATA: 14/12/2019

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Bom dia a todos. Na qualidade de presidente da Comissão de Trânsito, Transporte, Atividade Econômica, Turismo, Lazer e Gastronomia declaro abertos os trabalhos da 8ª audiência pública do ano de 2019, convocada para hoje, 14 de dezembro de 2019.

Informo que esta audiência pública está sendo realizada em atendimento ao Requerimento 031/2019, de autoria dos Vereadores Senival Moura e Toninho Vespoli, aprovada em 06/11/2019 e tem por objetivo discutir transporte e mobilidade urbana na periferia.

Foram convidados a participar desta audiência os Srs. Edson Caram, Secretário Municipal de Mobilidade e Transportes; Paulo César Shingai, Diretor-Presidente da SPTrans; Jair de Souza Dias, Presidente da CET; Giovanni Pengue Filho, Diretor-Geral da Agência Reguladora de Transportes, Artesp; Roberto Cinatti, Diretor do Departamento de Transportes Públicos, DTP.

Lista de confirmação da presença dos convidados, que farão parte da composição da Mesa: Sra. Meire de Andrade, Superintendente de Área, da Artesp, que ainda não chegou; José Carlos Biagioni, representando a SPTrans; Francisco Antonio Toledo Olival; Edson Roberto Gimenes; João Lindolfo Filho; Antonio Carlos Munhoz, conhecido como Tuca; Sílvio Roberto de Arruda Leme, representando a Secretaria Municipal de Mobilidade e Transportes, CMT; Jefferson Prado David de Souza, representando a CET.

Pessoas representando o segmento: Tania; Amélia Galan; Marli, do Conselho Municipal; Sandra Ramalhão.

Para dar início aos nossos trabalhos, antes de passar a palavra aos convidados, vou ler rapidamente os dados de uma pesquisa feita há poucos dias: “Deficientes sofrem mais preconceito no transporte de SP, diz pesquisa. Segundo estudo da Rede Nossa São Paulo, 46% dos entrevistados sofreram e/ou presenciaram preconceito em ao menos um dos locais avaliados. Pesquisa realizada pela Rede Nossa São Paulo e divulgada nesta quarta-feira (11) aponta que o transporte é o lugar onde mais se sofre ou se presencia preconceito contra pessoas com deficiência. Ironicamente, o transporte é o espaço onde mais se vê pessoas com

algum tipo de deficiência. Cerca de 46% dos entrevistados sofreram e/ou presenciaram preconceito em ao menos um dos locais avaliados. O transporte público lidera o ranking, com 34%. Os espaços públicos, como praças, ruas, shoppings e parques, registram 31%. O último lugar, diz a pesquisa, é a igreja, com 6%. O estudo ainda mostra que 2 em cada 10 paulistanos têm alguma convivência com pessoas com deficiência. Os moradores do centro e da região oeste são os que mais declararam possuir, conviver ou se relacionar com alguém com algum tipo de deficiência, sendo 26% e 29%, respectivamente. Em seguida, vem a região leste (22%), norte (21%) e sul (18%). Assim como na pesquisa de 2018, a maioria dos paulistanos percebe com frequência deficientes utilizando o transporte público. No entanto, os dados deste ano mostram essa “visibilidade mais acentuada”. Ainda assim, esses espaços permanecem reconhecidos como os locais onde as situações de preconceito são praticadas ou observadas. Hospitais e postos de saúde são os que mais proporcionam algum contato com deficientes. Entre aqueles que convivem ou possuem deficiência, “aumentar o atendimento especializado para pessoas com deficiência na rede pública municipal de saúde é a segunda principal demanda para melhorar a qualidade de vida desta população (17%) - a primeira é garantir a acessibilidade das calçadas, semáforos, paradas, pontos e terminais de ônibus como a principal medida. Essa pesquisa “reafirma a importância do convívio mais próximo com este público, não apenas para o desenvolvimento da empatia, mas também como forma de potencializar a visibilidade deste segmento na cidade, assim como vem ocorrendo com a população feminina, LGBTQI+ e negra”. Dados. Aumentou o número de paulistanos que percebem sempre ou às vezes pessoas com deficiência utilizando transporte público - a pesquisa mostra que a média em 2018 era de 63%, contra 68% de 2019. Os hospitais e postos de saúde seguem, com 39%, como os locais que mais possibilitam aos entrevistados ver ou ter contato com pessoas com algum tipo de deficiência. A lista segue com shoppings (15%) e local onde mora (10%). Em último lugar, clubes e academias, com 3%. Por volta de 42% dos entrevistados avaliaram como ótima ou boa a acessibilidade em igrejas e estações de trem e metrô, sendo assim a melhor avaliação positiva. O ranking segue com escola/faculdade (34%),

hospitais e postos de saúde (32%), trabalho (28%), paradas, corredores e pontos de ônibus (27%), ônibus municipais (27%) e praças e parques (24%). A pesquisa, realizada pelo Ibope Inteligência, ouviu 800 pessoas, de 3 a 19 de agosto. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados totais. O intervalo de confiança é de 95%.”

Então, esses são os dados da última pesquisa realizada pela Rede Nossa São Paulo e pelo Ibope, ou seja, é uma pesquisa que tem confiança total. O preconceito ainda é muito grande com a pessoa com deficiência.

Para iniciar os nossos trabalhos, conforme havíamos dito, abriremos cerca de dez inscrições, fora os representantes que estão fazendo parte da Mesa, que já citei. Cada inscrito terá três minutos para fazer uso da palavra e depois, se preciso, abriremos mais inscrições. Conforme a fala de vocês, a pessoa a que foi direcionada a fala vai responder a questão.

Assim, a primeira a fazer uso da palavra seria a Tania, depois a Amélia, a Marli e a Sandra, a quarta, que terão cinco minutos. Em seguida, abrirei a palavra aos representantes da Mesa, se quiserem fazer somente a saudação, poderão fazê-la já.

Passarei então, a palavra aos representantes da Mesa, para uma saudação inicial.

O SR. JOSÉ SÍLVIO – Bom dia. Sou o José Sílvio, Conselheiro do Conselho Estadual da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo e estou representando o nosso Presidente Francisco.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI - Bom dia. Meu nome é José Carlos Biagioni, estou representando o serviço Atende da SPTrans e me coloco à disposição de todos.

O SR. FRANCISCO – Bom dia a todos. Meu nome é Francisco, trabalho na Engenharia da SPTrans.

O SR. SÍLVIO ROBERTO DE ARRUDA LEME – Bom dia a todos. Sílvio Leme, sou representante da Secretaria de Mobilidade e Transportes e represento aqui o Secretário Edson Caram.

O SR. JEFFERSON PRADO DAVID DE SOUZA – Bom dia. Meu nome é Jefferson,

estou representando a CET e o nosso Diretor Jair de Souza Dias. Muito obrigado.

O SR. JOÃO LINDOLFO FILHO - Bom dia. Meu nome é João Lindolfo Filho, estou representando a assessoria de articulação comunitária da SPTrans.

O SR. ANTONIO CARLOS MUNHOZ - Bom dia. O João fica de pé só para eu ficar com inveja, né? (Risos) Eu sou Tuca Munhoz, represento a SPTrans, nosso superintendente Edilson, e vou falar aqui sobre microacessibilidade.

O SR. EDSON ROBERTO GIMENES – Meu nome é Edson Roberto Gimenes. Eu trabalho na área de planejamento do sistema de avaliação de transporte da SPTrans.

A SRA. AMÉLIA GALAN - Meu nome é Amélia. Sou da Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência. Bom dia à Mesa. Bom dia a todos.

A SRA. TANIA - Bom dia, pessoal. Bom dia à Mesa. Eu sou Tania, da Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência e também Assessora do gabinete do Vereador Toninho Vespoli.

A SRA. MARLI - Bom dia a todas e a todos, e à Mesa. Eu sou a Marli. Estou Presidente do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência.

A SRA. SANDRA - Bom dia à Mesa. Bom dia a todos vocês. Tudo bom aí? Meu nome é Sandra. Eu sou representante do Conselho Municipal de Transportes e Trânsito pela Pastoral da Pessoa com Deficiência da qual sou coordenadora.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Ok. Para fazer uso da palavra já convido a Tânia.

Durante a fala da Tania, vamos abrir para as inscrições.

A SRA. TANIA – Pessoal, antes da minha fala, eu gostaria de agradecer a presença de todos os representantes que foram convidados. Agradecer a presença da minha Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência, a Pastoral; agradecer ao Padre Marcelo pelo local; à comunidade que nos ajudou; a todos os colaboradores e a todos que estão apoiando esta audiência pública. Quero agradecer ao Atende pelo serviço, porque estamos aqui graças também ao Atende.

O mandato do Toninho Vespoli convocou o Poder Público para ouvir esse diagnóstico que já conhecemos. Mas o gabinete quer acompanhar isso. Nós queremos que esta audiência pública seja devolutiva. Nós estamos cansados. As pessoas com deficiência estão cansadas de audiências que a gente vem, traz o diagnóstico, volta, e não temos uma devolutiva. Quero dizer que nós vamos acompanhar, eu faço questão também, de acompanhar a devolutiva desta audiência pública.

Esse tema referente ao Transporte é um problema que nós enfrentamos diariamente: a falta de respeito com a pessoa com deficiência. Nós, como está na Constituição e como está no Estatuto da Pessoa com Deficiência, temos o direito de ir e vir. E infelizmente esse direito não é respeitado no dia a dia. Passamos constrangimentos diariamente.

Então, por isso que a gente não vai parar de lutar. Vamos continuar falando, vamos continuar reclamando. Eu sempre falo assim: não me importa ter gratuidade no transporte, para mim o que importa é o respeito. Acima de tudo, o respeito como ser humano. A partir do momento em que o Poder Público... Eu acho que o maior problema do transporte é que não tem, realmente, uma política pública. Não é cumprida a lei, tem bastante lei, mas não é cumprida no dia a dia. E é por isso que nós temos de nos unir mais, as pessoas com deficiência, se unir e reclamar sim dos nossos direitos. Porque nós temos direitos, como qualquer pessoa. E quanto mais a gente se une, mais a gente consegue.

Este é um momento importante para todos nós. Vamos aproveitar bastante. O mandato está aberto aí para o segmento da pessoa com deficiência. Tem vários projetos que caminham sempre junto com o segmento da pessoa com deficiência.

Mais uma vez, obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Ok, Tania. Antes de chamar a próxima oradora, quero dizer que cometi uma falha ao falar das inscrições. Como está difícil chegar à mesa, basta levantar a mão que a nossa assessoria chegará até vocês. Desculpem. Com a palavra a Amélia Galan.

A SRA. AMÉLIA GALAN – A Tania está pedindo para eu avisar que o Vereador

Toninho Vespoli teve uma outra atividade, mas logo estará presente.

Como eu me apresentei, sou da Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência. A gente fez um trabalho com os núcleos da Capital, que são nove, e a gente tentou ouvir um pouquinho de cada um. A gente colocou isso em um documento que será entregue a cada representante presente à Mesa.

Vou passar aqui um pouco do que a gente recebeu. A gente vai fazer um simples resuminho aqui do que está mais grave e depois com a abertura das inscrições, cada um vai poder falar. De coração, eu gostaria que esta audiência pública de Transporte fosse assim, pelo menos, uma das últimas, porque eu estou há 35 anos militando no segmento de pessoas com deficiência e eu trago aqui questões que eu já levei em audiências, audiências, audiências anteriores.

Tudo o que passam para a gente é que está tudo muito bom, em termos de transporte, mas a vivência lá fora, para chegar até o ponto de ônibus, para poder ter condições de que o ônibus pare para a gente, que tenha habilidade em manusear o elevador. Na verdade, assim, os ônibus e lotações oferecem para a gente, todos os dias, quando a gente vai para a rua para fazer uso deles, a gente tem visto na periferia, porque o nosso o foco aqui é a periferia, porque a gente sabe que no Centro tudo é muito bonito, tudo é muito resolvido.

Então, a gente tem visto ônibus rodando com elevadores quebrados, um atrás do outro, muitas vezes da mesma empresa. A gente tem visto ônibus e lotação em um estado de conservação tão ruim que ouvi relatos de pessoas que quando foram adentrar, a tampa do elevador caiu, aquela parte em que a gente sobe. Isso é mais do que descaso, não é gente? Eu me senti - olha que loucura - um pouco mais segura lá atrás, quando eu ainda entrava carregada no braço de um cobrador do que hoje quando você vê as pessoas todas, os condutores são muito raros, eu pessoalmente tenho o hábito de elogiar quando eu encontro gente boa no caminho. A ECD faz isso. Por quê? Porque é muito descaso, é muita gente de mau humor, muitas vezes jogando os passageiros contra a gente porque o elevador demora para subir, porque ele não sabe manusear. Às vezes a gente tenta orientar em como fazer isso

por que a gente está há anos e a gente acaba pegando certo jeito e ninguém dá atenção. É assim, o descaso é muito grande. Ônibus e metrô é isso.

Outra coisa também são os pontos de ônibus, todos descoberto. O ônibus acessível já demora mais. Um passageiro sem deficiência chega ao ponto e vai embora. A gente, muitas vezes, fica muito tempo. Então as condições dos pontos de ônibus também.

Quanto à questão do Atende, o que chegou para gente foi 156. Esse telefone é complicado. Complicado porque você tem de ouvir um monte de coisa antes. Se você está com pressa, aquilo é muito difícil e muitas vezes a gente não consegue ligar, principalmente no horário de almoço. Tentem ligar do meio-dia às duas que vai ter mais dificuldade.

Outras questões aqui do Atende percebe-se uma queda da qualidade nos atendimentos, atrasos, pessoas com dificuldades dentro da própria van que já conversou com a SPTrans e não teve retorno.

Questão de estabelecer critérios para novas entidades. São várias coisas, mas aí vai receber.

Ônibus intermunicipal. Foi feita uma queixa muito grande aqui do Metra, São Bernardo, Estação Jabaquara que as pessoas que estão ali para auxiliar simplesmente não vão abaixar a rampa para o cadeirante e ficam ali olhando. Atendimento muito frio foi o que foi dito.

Ônibus rodoviário. É uma vergonha. Ônibus rodoviário com o símbolo de acesso na porta e a gente não consegue entrar ali nem a pau. Se tem uma pessoa mais fortinha, alguém precisa nos ajudar a entrar. Além dos degraus ainda, aquilo é estreitíssimo. Por que o símbolo de acessibilidade? Isso é uma vergonha. A gente precisa de acessibilidade.

Outra coisa é o atendimento. As empresas só pensam em lucro por que o usuário com deficiência quanto vai viajar, passa um constrangimento infeliz. É vergonhoso.

Quando é comigo, eu peço a cadeira de transbordo que já é um jeitinho que se deu e ainda assim a cadeira não aparece, ninguém sabe, ninguém conhece. Geralmente no Terminal Tietê eu faço o ônibus esperar até o momento em que a cadeira aparece. É uma

vergonha isso, é ridículo.

Concluindo, tem as questões do metrô aqui também, resolver problemas de comunicação entre uma estação e outra, trens e estações na periferia deixam a desejar em relação aos que tem no Centro.

Manter o programa Jovem Aprendiz. Por que tirar uma coisa que está dando certo? A gente, nós, pessoas com deficiência, sabe que mesmo com o jovem aprendiz ali quem é cadeirante eles não podem ajudar por conta dos riscos e a gente já fica ali esperando por falta de funcionário. Agora tem o jovem aprendiz que ajuda a pessoa com deficiência visual e outros tipos.

A questão de elevadores no metrô. Lá em Itaquera tem elevador, mas os outros usuários usam, aí quando a gente chega, tem de movimentar céus e terra para conseguir chegar para poder utilizar um direito que é nosso, que a gente tem lutado há muitos anos por isso.

CPTM. Tem que acessibilizar as estações, tem que ver forma de diminuir o espaço entre a plataforma e o trem. Não dá mais. Faz mais de 10 anos, mais de 15 anos que já prometeram para gente e nada. Então, os problemas são muitos, mas depois eu volto a falar.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura – PT) – Então, nós havíamos combinado cinco minutos, como ela estava com relatório ali para poder apresentar eu deixei passar um pouco. Foram 10 minutos e 23 segundos.

A próxima a fazer uso da palavra será a Marli, do Conselho Municipal.

A SRA. MARLI - Eu gostaria de chegar aqui e falar que não temos problemas com transporte, metrô está legal, ônibus está legal, está tudo legal, mas infelizmente acho que ainda falta muito para isso. Infelizmente nas periferias a coisa pega. Eu recebo muitas ligações e reclamações de usuários que o motorista não para, o cobrador não sabe utilizar o equipamento, as rampas dos ônibus novos são muito estreitas e não dá para passar a cadeira. Aliás, a minha cadeira é prova viva disso, porque eu pego ônibus todos os dias e o lado da

cadeira, o braço é todo comido por que eu entro no ônibus e é estreito, eu passo, mas vai ficando pedaço.

Infelizmente, isso acontece todos os dias e não é só na periferia não, Amélia, no Centro também acontece ônibus quebrado que não faz a manutenção dos elevadores e muito mais.

Então eu gostaria de pedir que esta audiência pública, como disse a Tania, seja uma das últimas para falar sobre transportes porque nós merecemos respeito. Antes de sermos pessoas com deficiência, somos cidadãos, pagamos impostos, fazemos tudo que um cidadão faz, só que na hora de usar o transporte há problemas. Eu acho que o Poder Público tem de olhar mais para as pessoas com deficiência. É lógico que melhorou muito o transporte porque há 30 anos para pegar um ônibus tinha que ser carregado um cadeirante, ou se arrastar no chão, isso melhorou bastante. Não tenha dúvida, mas pode melhorar muito mais. Eu espero que vocês nos ajudem a melhorar isso. Eu sei que vocês estão fazendo bastante pelas pessoas com deficiência, mas acho que ainda está faltando um pouco.

Outra coisa que não foi dita aqui, mas que eu me lembrei, em ponto de ônibus, carros parados o dia todo, problema da CET, eu sei disso, porque no bairro onde eu moro, aliás, no ponto que eu desço, é impossível parar um ônibus. Simplesmente impossível porque fica um carro parado lá o dia todo. Isso que moro num bairro que não é tão periferia assim, Vila Ede, é mais próximo ao centro. Eu imagino nos bairros mais afastados, como no fundão de Cidade Tiradentes, de Guaianases, Morro Doce. Esse nem se fala.

Eu espero sinceramente que esta audiência seja muito proveitosa para todos vocês e é isso aí. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra a Sra. Sandra Ramalho.

A SRA. SANDRA RAMALHO – Bom dia à Mesa, já cumprimentei particularmente todos, já me conhecem também dessas idas e vindas e a todos vocês, gostaríamos de agradecer pela realização também desta audiência pública. Acho importante

essa discussão no sentido de que a gente tem de ouvir quem usa. Nós temos que ouvir os usuários, nada sobre nós, sem nós. Do que adianta vocês inventarem e as coisas não funcionarem? Na hora que nós vamos usar, as coisas não funcionam. Por que é que não experimentam conosco? Por que é que não chamam o Conselho? Por que é que não chamam a Pastoral? Por que é que não chamam a FCD, que faz todo esse movimento de pessoas com deficiência? Aqui vocês têm uma amostra, deficientes visuais, deficientes físicos, que estão dentro desse ambiente de usuários e não só nós, mas os idosos também. Esse transporte é um direito de ir e vir de todas as pessoas. Os ônibus são para atletas. Quem é que sobe aqueles 45 centímetros de degrau? Acha que os idosos conseguem? Acha que os anões conseguem? Cadê o desenho universal? Cadê as tecnologias que vocês podem desenvolver? Cadê? Tanta engenharia, tanto estudo, tanta coisa, tanta evolução que está havendo no mundo e nós estamos parados. Certo presidente dizia que nós andamos em carroças.

Então precisamos melhorar isso, não é só para a pessoa com deficiência. Vários meios de transporte foram citados aqui, ônibus, micro-ônibus, mas um serviço que também anda extremamente difícil de ser atingido é o táxi. Muito difícil conseguirmos numa emergência um serviço de táxi ou táxi acessível. Precisamos mudar isso, tudo deveria ser acessível, todos os táxis deveriam ser acessíveis, assim como todos os ônibus deveriam ser acessíveis com piso baixo. É desenho universal para todos. Todos têm o direito de usar, pode ser usado tanto para pessoa com deficiência como pessoa sem deficiência. É um incentivo de troca de frota e de evolução do respeito ao cidadão que paga seus impostos.

Então não somos usuários, mas clientes. E como somos tratados por vocês? Somos clientes; somos usuários; temos de dar lucro para as empresas? O que somos para vocês? O que o cidadão é para vocês? Somos clientes e só se vê lucro no transporte? Não. Acho que precisamos de mais. É um serviço social e é um direito.

Outra coisa que quero destacar também é o lugar de dois lugares nos ônibus. Outro dia estávamos em três pessoas cadeirantes e tivemos de marcar um ponto de encontro. Cada um teve de esperar o ônibus vir para pegar o seu ônibus, marcar um ponto de encontro lá para

podemos nos unir.

Então que respeito é esse? Em nenhum meio de transporte, seja táxi, ônibus, micro-ônibus, não podem ir dois cadeirantes juntos. O Táxi também não dá para colocar dois cadeirantes. Então como fazemos? Vou pegar o Atende para ir ao cinema com o meu namoradinho cadeirante, pode ser? Não pode. Então como faço.

Queremos dignidade, melhor situação não só para nós. No Conselho Municipal de Transporte e Trânsito fazemos várias discussões sobre o transporte. Esse é um tema levantado e temos as mudanças das linhas que estão sendo feitas e não foram movidas as pessoas com deficiência.

É isso que venho pedir, um pouco mais de dignidade e respeito para todos os cidadãos, não só para nós.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Primeira etapa concluída. Agora convido o primeiro inscrito a fazer uso da palavra. Tem a palavra o Formiga, da Cooperativa de Transporte Escolar. Depois do Formiga, a Sra. Jucélia Honorato. Três minutos para cada inscrito.

O SR. FORMIGA – Como foi dito, trabalho com transporte de alunos com deficiência desde 2008. Recentemente fizemos audiência pública através dos Vereadores Senival Moura, Toninho Vespoli e quero parabenizar a Secretaria de Transportes que nos deu retorno com brevidade dentro da nossa expectativa. Então houve uma devolutiva. E acredito que haverá também pela experiência que tivemos recentemente, não tenho dúvida que alguma coisa boa vai acontecer.

Em relação ao transporte de deficiente, por incrível que pareça, a nossa dificuldade neste ano, com deficiente foi crianças ficarem esperando desde o começo do ano e só serem atendidas após registrarmos a audiência pública. Infelizmente, essa mãe e esse filho ficaram esperando desde o começo do ano até o mês de agosto – Diretoria Regional de Educação de São Mateus. Isso muito nos preocupa, pela necessidade de dar atenção para uma criança com

deficiência, com acesso difícil, com escadas, até chegar o ponto do embarque e esperar até agosto para conseguir, e a mãe ainda ficou como culpada por esse acontecimento no atendimento.

Eu gostaria de deixar registrado: as instituições que têm essa representatividade, que já estão organizadas, que dialoguem conosco para podermos ter ajuda para essas mães e suas crianças de periferia. Lamentavelmente, isso está acontecendo. Outra coisa: ter que revalidar atestados, porque não é só a questão do cadeirante. Outros deficientes têm que, a cada período, que revalidar. Estou falando da Secretaria Municipal de Educação, apesar de não estar presente aqui. Acho que este espaço tem que ser aproveitado e tem que ser registrado isso, para que a gente possa junto construir uma alternativa que venha com respeito atender essas pessoas que tanto necessitam.

Obrigado pela oportunidade. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Agora, eu convido a fazer uso da palavra a próxima inscrita Jucélia Honorato, munícipe. Após, será o Sr. José Silvio, Conselheiro do Conselho Estadual da Pessoa com Deficiência.

A SRA. JUCÉLIA HONORATO – Bom dia a todos. Meu nome é Jucélia. Eu participo da FCD desde que nasci, do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência também desde que nasci. Antes, eu não tinha deficiência. Eu era acompanhante da minha mãe, que é portadora de deficiência. Quando eu tinha 21 anos, adquiri uma deficiência depois de um câncer, porque fiquei com sequelas.

A minha pergunta é para a SPTrans porque é uma palhaçada o que vocês fazem comigo: eu tenho um laudo. Tive Bilhete Único até dezembro de 2018 e desde então – vai fazer um ano – essa aqui é a quinta carta que a SPTrans manda na minha casa dizendo para ir até Santa Rita, para ligar nesse número infeliz, porque eu trabalho e estudo. Eu não tenho tempo para ficar ligando nesse número 3124-2605, de segunda a sexta, das 7h às 19h. Eu já passei uma semana das 7h às 19h pendurada no telefone da minha casa, pendurada no meu celular. Eu estava no telefone de casa e no celular. Caía, eu ligava de novo. Eu não consegui falar.

Daí, fui lá, porque, está escrito nesta carta que só vale por dois meses. Vou até a Subprefeitura, passo no Descomplica, que é uma complicação, você perde duas horas do seu dia lá, perdi duas horas do meu trabalho, do meu estudo, para não resolver nada. Eles me deram um papel...

Eu tenho laudos de dois médicos diferentes, porque falam que tem que ter dois médicos diferentes: um neurocirurgião, um ortopedista e um clínico, são três laudos. Todos os papéis estão aqui. “Compareça com seus exames”. Como eu vou comparecer com o exame? A bobona foi lá na XV de Novembro. “Aqui não resolve nada, é só nesse número mesmo”. Fui a Santa Rita, que eu conheço de carnavais passados. Meu pai foi um grande colaborador do Conselho, de tudo, e meu pai foi um grande colaborador no Atende.

Então é um desrespeito, uma falta de vergonha na cara, eu receber a quinta carta e tendo que pagar passagem para ir ao meu serviço. É meu direito, eu sou cidadã e pago meus impostos. E se é o meu direito tem que ser cumprido, porque eu não aceito receber a quinta carta, em um ano, para ter um Bilhete Único que é direito meu, é da minha deficiência. Isso que eu queria resolver com a SPTrans.

E eu tenho outra reclamação para a SPTrans: essa história de que deficiente pode descer fora do ponto é o caramba. Não pode. Eu chego da faculdade 11h da noite. Moro no Capão Redondo, uma área superperigosa, e peço para descer nem muito longe do ponto, mas para mim é, porque eu tenho uma restrição de mobilidade; mas eles falam “não pode, senhora”.

E outra, há uma lei que permite mulher descer fora do ponto após 10 horas da noite; e essas leis são descumpridas. O que eu posso fazer? Tenho que abaixar a cabeça e aceitar. Atravessar a rua, atravessar a avenida, porque o motorista não quer parar. O motorista da Linha 6816/31 e 6816/10, do Terminal Capelinha - Jardim Mitsutani.

Eu tenho aqui também escrito todos os protocolos que eu abri no 156. Eu já trabalhei no 156 e sei que todas as solicitações que são abertas têm respostas, porque quando eu abria a solicitação, tinha a resposta para os munícipes. Só que sou parece que não sou

munícipe, porque eu não tenho resposta. Eu tenho aqui mais de 15 protocolos que abri de questão de Bilhete Único e sobre a questão de motorista não parar fora do ponto. Essa é a minha reclamação para a SPTrans.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra o Sr. José Sílvio, do Conselho Estadual da Pessoa com Deficiência.

O SR. JOSÉ SILVIO - Antes de qualquer coisa, eu quero agradecer a presença de vocês e por esta oportunidade.

Não vou repetir o que já foi falado, só queria falar que tenho ouvido o pessoal falar muito da questão das calçadas, para acessar os pontos. Não só as pessoas com deficiência, mas os idosos. Se vocês tiverem acesso a isso, tenham atenção, porque na periferia é tudo mal feito, os acessos, as ruas, há muitos problemas.

Foi falado também de informação. Fiz uma viagem para Bahia, onde fui pegar o ônibus, que agendei pela internet, e só tinha ônibus semi-leito. Para a minha surpresa, ao chegar no ônibus, tinha uma escada em caracol que acredito que ninguém tem condições de subir aquilo sozinho. Qual é o problema? O problema é do ônibus? Não, é falta de informação. Não estava no *site* a informação de que não era acessível, que não tinha condições de cadeirante utilizar.

Então, eu queria que vocês também dessem uma atenção à questão da informação. Se a empresa não tem um lugar acessível, informe qual é acessível, porque eu cheguei lá e não tinha jeito, já estava com a viagem marcada, tive que embarcar, com a ajuda de muita gente para subir aquilo.

Também a população está perdendo a sensibilização com relação à pessoa com deficiência quanto aos lugares dos ônibus, as filas. Então seria importante voltarmos a ter campanha de informação para que a população ceda o lugar a essas pessoas. É uma questão de consciência, mas infelizmente se não houver campanha, se não instruir as crianças, se não instruir os jovens, eles não dão a oportunidade. Já fui colocado ao final de fila. Mas pego o

meu lugar, de direito.

A maioria de nós já é aposentado, teve toda uma trajetória. Nós somos voluntários, não ganhamos nada para isso. Na verdade, nós pagamos para estar colaborando nesse processo de inclusão da pessoa com deficiência. Então quando vocês tiverem projetos não deixem de fora os Conselhos, os movimentos sociais, onde há pessoas engajadas. Vocês sabem da luta, até antes de serem inseridos na política; sabem que a gente está lutando para que outras pessoas tenham oportunidade no processo de inclusão.

Eu agradeço, de verdade, por tudo que vocês estão fazendo. E nada sobre nós, sem nós.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra a Sra. Fernanda Souza, munícipe.

A SRA. FERNANDA SOUZA - Bom dia, Mesa, colegas. Muitos aqui já me conhecem. Bom dia aos meus amigos, aos acompanhantes, mães.

Estou representando a FCD de Itaquera e trouxe os problemas e sugestões, que já foram citados, em sua maioria, porque são muito presentes no dia a dia da pessoa com deficiência.

Entre essas dez questões, há a questão dos elevadores. A gente nunca sabe quando o elevador está quebrado, porque ninguém nos avisa. E quando a gente chega, naquela correria, a gente ainda tem que procurar um funcionário para saber o que está acontecendo, e isso leva tempo. Na quinta-feira, o elevador do Vale do Anhangabaú estava quebrando. Sabe quantas horas eu fiquei aguardando? Mais de duas horas; do contrário, eu teria que descer dois lances de escada. E eu já sofri dois acidentes, então morro de medo e prefiro esperar. Naquele dia, era para eu ter chegado em casa antes das 20h, e cheguei quase 23h.

Quem aqui já sofreu um acidente no transporte público, ou conhece alguém que já sofreu? São elevadores quebrados, más condições. Eu pergunto à Mesa por que coloca esses

ônibus e micro-ônibus para circularem se estão com o elevador quebrado? Vocês sabem quantas horas antes nós temos de sair de casa por causa dos problemas que temos no transporte público? Se eu tenho uma consulta na AACD eu tenho de sair de casa uma hora antes, porque já tenho de contar que o transporte vai estar quebrado; que o elevador está quebrado ou, se estiver funcionando, não vai ter ninguém para me embarcar. Também é lei: se a gente sofrer um acidente no Metrô ao embarcar, a gente não pode questionar: “Ah, mas você entrou sozinha. Você foi sozinha, não é para você entrar sozinha”. Mas por que não tem o funcionário ali? Eu tenho de ir atrás? Vocês sabem quantas horas, na quinta-feira, eu esperei? Meia hora. Eu estou o que eu vivo. E os meus colegas?

Eu queria mais qualidade, mais respeito por mim e por meus amigos. E vim trazer também... Eu não sou deficiente visual, mas fizemos uma reunião, levantamos a demanda e questionamos a dificuldade para o deficiente visual. As perguntas deles: por que não tem no transporte público um aviso sonoro nos pontos de ônibus? Eles gostariam de saber por que não tem. É muita falta de respeito com os deficientes visuais, porque o motorista sabe que o deficiente está ali aguardando no ponto, mas o deficiente não sabe que o ônibus está vindo, e os motoristas passam direto. Os deficientes visuais sofrem muito mais que os deficientes físicos.

Outras questões eu passarei para o gabinete do Vereador Toninho Vespoli.

É isso. Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra a Sra. Andreia de Paula Martins.

A SRA. ANDREIA DE PAULA MARTINS – Boa tarde.

Meninos, meninas, senhores da Mesa, boa tarde.

Eu estou com esse jeito porque é sempre esse blá-blá-blá, com todo o respeito. É a acessibilidade dos ônibus...

Uma pergunta aos senhores: sabem aqueles ônibus que têm aquelas rampas que os motoristas puxam? Os motoristas quase botam a língua para fora para levantarem aquela

rampa! Olhem o drama! Levantam aquela rampa e, ainda por cima, a rampa fica muito inclinada porque o passeio é muito baixo e força muito o rolamento da roda da frente da cadeira e isso é caro, não é barato.

Vocês me desculpem pela sinceridade, mas eu não estou aqui para..., mas não quero ser grossa também, mas não estou aqui para fazer amizade. Eu quero ação. Isso já vem há anos, há anos.

Outra coisa: tem alguém aqui responsável pelos ônibus de viagem? Pelo amor de Deus, tirem aqueles adesivos, porque é uma ofensa para a minha visão. E sabem por quê? Eu morava em Minas, então imaginem uma pessoa dentro de um ônibus 8 horas, 9 horas! Você não desce porque não tem como você descer! A entrada dos ônibus é muito pequena. Como assim? O senhor aqui, que é fortão, tem de entrar de lado! Poxa. Agora, imagine o senhor fortão entrar de lado, com uma pessoa gordinha como eu no colo! Como que a gente faz? Eu tenho dó dos motoristas porque a gente é pesado. A gente não está aqui para dar uma de coitado, não. A gente sabe que é difícil. Só que o que eu vejo é que a gente é obrigado a respeitar e vocês não. Por que não? (Palmas)

Então, como a gente faz? Eu estou falando como usuária. Os ônibus com elevador, sempre que eu pego, acontece alguma coisa ou o elevador não funciona. É obrigação de vocês que o serviço funcione, porque pagamos, todos nós. Então, acho desaforo, desumano e muita palhaçada todos esses anos que a gente está reclamando a mesma coisa.

Em relação ao Atende eu não tenho nada contra. Hoje, até, eu peço desculpas ao Sr. Sílvio, mas ele sabia o horário. Quando o Atende chegou, ele estava do lado de fora, teve de entrar e isso levou mais 20 minutos. Eu atrasei cinco minutos porque eu tenho um trauma danado de acordar cedo. Não acordo. É complicado e eu não tenho vergonha de falar. Mas, poxa, por exemplo, o Sr. Sílvio veio justificar para mim que não veio. Eu sei que vocês são organizados, que cada pessoa tem uma função. Então, como assim que não foi para o celular dele?

Então, eu estou com dor de coluna, vou ao banheiro de 10 em 10 minutos, agora

imaginem ficar meia hora parada esperando por um senhor que sabia e que ainda achou ruim por eu ter falado? Então, como assim? A gente erra também, mas como é que vai jogar pedra só no pessoal do Atende? E a nossa disciplina? Tem de ter horário. Se eu estou errada, me desculpe, mas não estou aqui para palhaçada. Já estou cansada.

Os ônibus já deveriam sair da garagem todos averiguados, com o elevador funcionando, ao menos isso. Aí nos taxam como problemáticos. O elevador fica sobe, não sobe, e o motorista sabe que as pessoas, que estão no ônibus, ficam com raiva, porque atrasa. E a culpa é da gente? Não, não é nossa.

Então, eu quero pedir para vocês três coisas. Pelo amor de Deus, olhem esses elevadores dos ônibus; tirem esses ônibus daquela rampa, porque eu fico com dó do motorista que vai puxar aquele negócio, tem de ter um guincho para tirar! Poxa, não é assim. Os motoristas não são capachos, não. Eles não são escravos. Isso é escravidão, porque demora a tirar.

Então, eu agradeço a vocês. Desculpem-me pelo meu sistema bruto, mas nós estamos muito bonzinhos. Então, tem de tirar esses ônibus da Rodoviária Tietê, porque só tem um que é adaptado, que é o Cometa. Só um. Não, eu vi; estou falando que eu vi.

Então, obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Vamos para o próximo inscrito, Sr. José Nunes, munícipe. Depois, Sra. Odete.

O SR. JOSÉ NUNES – Boa tarde. Minha reclamação é sobre as calçadas. Eu moro em São Mateus, e lá, as calçadas, pelo amor de Deus! E os ônibus também; porque, quando tem a rampa, os passageiros não querem dar espaço para nós subirmos. E essa minha cadeira é um pouco larga, não é uma cadeira sob medida. Minha sorte é que eu consigo sair da cadeira. E se eu não conseguisse? Para vocês terem ideia, esses dias, o motorista foi baixar a rampa, e a rampa do ônibus caiu. Agora, imaginem se eu tivesse subido: eu teria me arreventado todo! Então, gente, pelo amor de Deus, tem que ter acessibilidade correta. Vocês que entendem têm que colocar corretamente, porque dinheiro para isso tem, mas tem que

haver a boa vontade de fazer. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Próxima inscrita, Sra. Odete.

A SRA. ODETE JACINTO CAVALCANTE – Bom dia a todos. Eu queria dizer que em 2018 fizemos um serviço muito bonito nas garagens. No mês passado encontrei um cobrador que virou motorista. De vez em quando eu encontro motoristas que eram cobradores de ônibus, e eles me perguntam por que a São Paulo Transportes e a SPTrans não fazem aquele serviço, que era o de irmos às garagens ensinar os cobradores de ônibus como se amarram as cadeiras de rodas nos ônibus.

No mês passado, eu tive que levantar do meu banco e ensinar um cobrador a amarrar uma cadeira de rodas em uma perua. Eu vi que a senhora estava grávida e o nenê dela iria cair da cadeira. Aquilo que me deu um nervoso tão grande que quando cheguei à minha casa passei mal, porque eu vi que o motorista não sabia amarrar a cadeira de rodas. Por favor, eu queria que vocês dessem um pouquinho de aula para os cobradores, ou então falem com o Sr. José Carlos e façam voltar aquelas aulas que nós deficientes dávamos. Fizemos um serviço muito bonito. Nós deficientes íamos às garagens e ensinávamos os cobradores a amarrar as cadeiras de rodas; ensinávamos a como atravessar os deficientes visuais. Por favor, gostaríamos que elas aulas voltassem. Até hoje há motorista que nos pergunta: “Teve essas aulas?”. Eu digo que teve. Pena que saiu, poderia ter todo ano, porque quando vamos ao Sesc-Senac temos muito pouca aula, não aprende. Falo principalmente desses motoristas novos, do Atende, que tem muito poucas aulas. Eu uso pouco o Atende, mas há motoristas desse serviço que não estão amarrando direito as cadeiras de rodas. Esses dias, eu usei minha cadeira e tive que, no meio do caminho, pedir ao motorista que parasse e amarrasse direito minha cadeira.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Essas foram as palavras da Sra. Odete Jacinto Cavalcante. Próximo orador, Sr. Antonio Vasconcelos, munícipe.

O SR. ANTONIO VASCONCELOS – Bom dia a todos e a todas. Esta é a segunda

vez que participo junto com vocês. O que vou falar a vocês é quase que praticamente sobre o meu umbigo, sabe? Primeiro, quero fazer uma pergunta para a CET. Qual é o critério que vocês têm para fazer a São Paulo Transportes mudar os pontos de ônibus. Havia um ponto praticamente em frente ao Assaí que foi para quase 200 metros para cima, numa subida. Esqueceram de fazer uma pesquisa na população para saber se há velhos, amputados, cadeirantes. O dono da loja em frente a esse ponto fez um rebaixamento na calçada, pois não havia acessos. Não sei se é a CET que sai pintando a rua, a faixa de pedestres, mas não adianta só fazer o quadrado se não houver rampas, acessibilidade.

Para nós moradores de Guaianases e Cidade Tiradentes é um absurdo que a estação Guaianases não possua nenhum elevador ou rampa de acesso. É uma estação até nova, com no máximo 25 anos. Vou dizer a vocês: eu não tenho muita dificuldade com o pessoal do transporte. Há um segredinho: eles têm um medo, um pavor de que você abra a câmera do celular e dê sinal para o ônibus. Quando se faz isso, o motorista mete o pé no freio, até sobe em poste. Eu gostaria que fosse possível que a gente pudesse gravar e mandar vídeo para a SPTrans, para verem o que está acontecendo.

Também estou muito triste porque em Itaquera a Linha 2708 irá mudar de local. Sei que todos nós merecemos, mas já estamos habituados, desde uns cinco ou seis anos, esse ponto estar bem próximo do elevador. Comentaram que irá mudar porque vai aumentar mais dois pontos no mesmo lado.

Quem pega o metrô na estação Armênia, nota que ali parece haver duas estações distintas: uma de um lado do rio, outra de outro lado. Tenho certeza de que se eu for para a estação Armênia, não poderei descer de elevador, pois não há manutenção e ele está parado.

Por último, lembro que o ponto da linha que sai do Lajeado e vai para o metrô Itaquera não tem abrigo. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Próximo inscrito, Sr. André Barbosa Xavier, FCD.

O SR. ANDRÉ BARBOSA XAVIER – Bom dia a todos. Vou falar também sobre o

elevador dos ônibus. Sou de São Mateus, e lá ninguém quer ajudar a embarcar um deficiente. O povo parece que tem nojo. Certa vez, peguei o ônibus que vai para o Terminal. Tive que esperar 3 ônibus chegarem ao metrô Carrão, pois 2 que passaram não tinham elevador, só o terceiro tinha. O povo na fila se revoltou, disseram: “Não, não é justo, vamos colocar esse rapaz no ônibus”. Cataram minha cadeira motorizada. Dois homens, um de cada lado, quatro homens, levantaram a minha cadeira e colocaram dentro do ônibus; eu vim embora. E, para descer, depois, minha mãe, no posto de saúde, e ela não pode estar fazendo muita força. Então, igual ela falou, conferir o elevadores. Isso é a pura verdade. É o que eu tenho. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Essas foram as palavras do André.

A próxima pessoa a fazer uso da palavra é a Débora Silva Genoíno, munícipe. Depois, é o Rogério Ramos de Andrade. Aí vamos completar aquilo que havíamos combinado: os dez inscritos. Tem mais solicitação de inscritos. O que nós poderíamos fazer? Abrir mais inscrição para mais três. Pode ser? Contempla todos vocês? Mais três inscritos da plateia? Então na fala aqui da Débora nós estaremos abrindo a inscrição para mais três.

A SRA. DÉBORA SILVA GENOÍNO – Bom dia a todos. Meu nome é Débora Genoíno, sou coordenadora-adjunta da FCD – Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência. Eu listei algumas situações, algumas não passadas por mim, passadas por algumas pessoas que me relataram no decorrer da semana, e vou começar pelo lado positivo, que tem menos.

Realmente tem muitos motoristas capacitados que dá vontade de abraçar e levar para casa. Mas é raro. E um deles me relatou que, antes de começar o seu ofício, testava os elevadores. Acho que era o mínimo que ele tinha que fazer. Até falava para ele: “Você poderia orientar os outros”. Às vezes podemos pensar: “Nossa, são muitas obrigações para uma empresa só”. Mas aí que está: cada um tem os fiscais. E se cada fiscal verificar os seus dependentes? Eu contrato que não sobrecarregaria a empresa, a SPTrans. Se cada fiscal verificar os seus motoristas facilitaria bastante.

Outro detalhe: esses ônibus enormes, articulados, têm aquele espaço bem interessante lá atrás. Porém eu fico me perguntando: qual a necessidade de o cadeirante estar lá atrás na hora de descer? A campainha, não sei se é diferente quando toca, porque eles nunca veem quando eu vou descer. Muitas vezes um estranho tem que acordar o cobrador, porque ele está lá na frente, eu estou lá atrás, e, normalmente, eu ando sozinha, porque eu vou trabalhar, vou estudar, então não tem como eu andar com acompanhante. E outro detalhe é o local do acompanhante nesses ônibus; não tem condições. Aquela cadeirinha não abaixa. Aí você pensa: “Nossa, mas não tem como ela baixar?” Não, teria, porque o espaço é enorme. É o que as colegas falaram: a hora que fizeram, o engenheiro, enfim, se tivesse, talvez, chamado algum cadeirante... porque eu fico me perguntando: será que nessas engenharias tão legais chamaram algum cadeirante para verificar? É o que a colega falou também: poucos motoristas relataram que realmente eles recebem treinamento. Tem uns que sentam na cadeira para se passar por cadeirante, para ver na prática, mas eu acho que está faltando um pouquinho mais disso.

Em relação ao Atende, tem alguns relatos de alguns colegas que vem falando... Nada contra as cooperativas, são bem-vindas, claro, mas eu acho que um pouquinho mais de responsabilidade da direção... Estou vendo aí os motoristas nervosos com o trânsito. Eles xingam. Eles acham que... tudo bem, nós estamos ali, mas eles não estão no carro deles. Dirigem como eles querem. Outro dia, o som estava tão alto que a minha irmã falou “Nossa, o que é isso?” “É o Atende”. Eu acho que eles estão ganhando para isso, tem que trabalhar com responsabilidade. E quem estiver insatisfeito pede para sair, porque eles estão trabalhando com pessoas.

Outro detalhe que eu acho bem interessante é que quando tem um coletivo, um local acessível, todas as pessoas são bem-vindas. Agora, se tem um local, um coletivo, que não é acessível, somente as pessoas sem deficiência são bem-vindas, e isso não é interessante, porque nós estamos aqui. Infelizmente ainda tem muitas pessoas com deficiência dentro de casa. Então o que a colega também falou: “Nada sobre nós sem nós”.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Legal. Parabéns, Débora.

O próximo a fazer uso da palavra é o Rogério Ramos de Andrade, FCD.

O SR. ROGÉRIO RAMOS DE ANDRADE – Eu tenho uma reclamação.

- (o orador apresenta dificuldade na fala)

Eu moro no Capão Redondo. E o Capão Redondo é muito... é muito (Ininteligível).

E eu moro bem na Chácara Klabin, que é do lado do metrô. Aí um dia eu fui pegar um ônibus, que eu vou direto para o (Ininteligível). Aí eu fui pegar o ônibus, e eu descobri que tem dois pontos de ônibus que não são acessíveis. Assim, a calçada é alta. E para subir tem que vir na cadeira. E a cadeira motorizada não tem como subir ali. Aí tem um outro, do lado do metrô, também, que, toda vez que eu vou descer, o cobrador desce do ônibus, e tem que descer a calçada, porque não tem acesso. E tem motorista que reclama. Aí eu fui pegar um ônibus fora da calçada, aí perto. Aí o ônibus não parou. É que o regulamento é no ponto, e eu fui pegar fora porque não tem como subir ali. O motorista não parou, nem olhou para a minha cara. Não iria pegar, não, né.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Ok, Rogério.

Você quer falar um pouco no tempo do Rogério para tentar explicar?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Bom, então vamos lá. Ele já cumpriu o tempo de três minutos, mas vamos fazer uma exceção. (Palmas)

Seu nome, por favor? (Pausa) Imaculada. Ok, vamos lá.

A SRA. IMACULADA – Bom dia. Pessoal, o que o Rogério está falando é que na região onde nós moramos, próxima à casa dele, tem vários pontos de ônibus inacessíveis, bem na Caldeira Filho. Ele mora próximo à Caldeira Filho. É um lugar que não tem acessibilidade nenhuma. Para ele descer é quase uma queda livre mesmo. Lá não tem acessibilidade nenhuma. Já reclamamos na Prefeitura Regional, pedimos solicitação.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) - Qual é a Prefeitura Regional?

A SRA. IMACULADA – Do Campo Limpo. Vire e mexe, a gente tem vários protocolos de acessibilidade, que eu mexo com isso, só que fica sempre a mesma coisa, eles não fazem nada, infelizmente. É isso que ele está querendo relatar, pessoal. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Esses foram os esclarecimentos da Imaculada. A próxima é a Tânia Otávio, depois Amélia Galan. Três minutos.

A SRA. TANIA – Vou pedir para pessoal aí atrás fazer um pouco de silêncio, senão a gente não vai entender o que as pessoas estão trazendo. Obrigada.

Eu vou ser rápida. Que pena que a Artesp não está presente, que essa minha colocação é em relação... Porque não adianta a gente repetir. Nós já sabemos o diagnóstico aí, todos, então a minha questão é só fazer uma colocação referente ao transporte intermunicipal.

A Artesp viria, mas infelizmente não pôde. Eu gostaria de perguntar para a Artesp quem autoriza um símbolo internacional de acesso num ônibus que não tem acessibilidade.

Eu fui barrada, em outubro, lá na Rodoviária de Cosmópolis, que o motorista disse que eu não iria embarcar se não estivesse com parente. Gente, eu não ouvi isso. Minha deficiência nunca me impediu de fazer nada, só de viajar no transporte coletivo? Eu tenho que andar com parente para me colocar dentro do ônibus porque o ônibus não cumpre a Lei de Acessibilidade? E autorizam a colocar um símbolo nele? Isso é meio... Então a nossa luta é em vão. Nós lutamos por acessibilidade e somos barrados se não estivermos com um parente. Gente, isso é um retrocesso muito grande.

Motorista alega que não pode pôr a mão. Para mim não interessa que ele me coloque lá dentro. A empresa tem que criar meios de me colocar lá dentro, porque além do meu direito de ir e vir, como cidadã, eu sou consumidora, eu paguei a passagem. Eu viajo quase todo mês pelo meu trabalho com a Fraternidade e eu pago a passagem, eu não estou andando de graça. Eu quero respeito, não gratuidade na passagem.

E é humilhante, os passageiros ficam todos olhando como se eu fosse a culpada de atrasar a viagem, como se eu não tivesse direito de viajar. Então eu gostaria de saber... Eu vou trazer mais pessoas, porque eu comprei essa briga. Eu vou formar uma comissão e a gente vai

brigar, vai ficar em cima desses ônibus intermunicipais. Eu não sei se o símbolo de acesso estar num ônibus que não é acessível é uma piada, ou se somos nós, pessoas com deficiência, a piada. Parece que sim, porque eu me sinto uma piada, eu me sinto desrespeitada como pessoa. Acho que o maior problema é falta de vontade política. Existe a lei, mas não se cumpre, não se faz cumprir a lei. O empresário está preocupado com o lucro, mas eu sou consumidora. Então é isso, gente: não vamos deixar quieto, vamos brigar, sim. A partir do momento que a sociedade entender que é a pessoa, porque parecer que só vê a cadeira, aí pode ser que se consiga mudar essa realidade. E respeito acima de tudo.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Isso mesmo.

A próxima a fazer uso da palavra é Amélia Galan.

O Tuca pediu para fazer um comentário sobre a sua fala, um esclarecimento. Quer fazer agora? (Pausa) Então faça.

O SR. ANTONIO CARLOS MUNHOZ (TUCA) – Essa questão dos ônibus intermunicipais que têm o selo de acessibilidade, aconteceu há vários anos uma reunião, várias reuniões da ABNT, em que, por pressão dos empresários que não queriam fazer adaptação dos ônibus, foi aprovada a cadeira de transporte. Então os ônibus têm o selo de acessibilidade porque a cadeira de transporte foi aprovada como uma tecnologia de acessibilidade. Ponto. Isso está aprovado ainda, Chicão, na ABNT? Eu acho que inclusive já caiu.

- Fala fora do microfone.

O SR. ANTONIO CARLOS MUNHOZ (TUCA) – É outra história, mas já caiu isso. Os ônibus estão com selo de acessibilidade simplesmente porque não tiraram. Mas a história é essa: foi aprovada a cadeira de transporte da ABNT. A Sandra participa das reuniões da ABNT, sabe como é complicado lá. Noventa por cento das pessoas presentes são representantes de empresas de ônibus. O movimento não participa, portanto o movimento tem responsabilidade nisso. A história é essa: foi aprovado porque é norma da ABNT.

- Fala fora do microfone.

O SR. ANTONIO CARLOS MUNHOZ (TUCA) – Aí é outra história. Eu estou falando do selo de acessibilidade que tem nos ônibus. É uma norma de acessibilidade que está aprovada na ABNT porque o movimento de pessoas com deficiência não está presente nas discussões.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Vamos lá. Agora é a Amélia Galan, por três minutos.

A SRA. AMÉLIA GALAN – Primeiramente uma pergunta. A Artesp não está aqui representada. Isso chega até eles, Tania? Está tendo uma gravação, alguma coisa?

- Fala fora do microfone.

A SRA. AMÉLIA GALAN – Está bom.

O Tuca falou que está lá o selo porque não tiraram, então eles não tiraram porque não tiveram tempo, eles não tiram porque tem... Está ali, aquilo ali faz a gente se sentir de narizinho vermelho em frente aos degraus do ônibus.

Eu quero alertar para os ônibus de lotação. A maioria está rodando sem cinto de segurança. A gente ouviu até pessoas falando do Atende, que chegou a usar sem o cinto porque estava quebrado. Então a manutenção é importante.

Motorista que vai ali, sobe a cadeira, enquanto a gente se ajeita ele arranca com o ônibus. Não coloca cinto, é muito raro encontrar quem faça isso.

Outra coisa: rebaixamento de guias nos faróis...

- Fala fora do microfone.

A SRA. AMÉLIA GALAN – Questão de rebaixamento de guias nos faróis, porque a gente não consegue, tem que ficar andando no canto da calçada, é terrível. A questão também das calçadas, elas estão muito esburacadas.

Tem uma questão que é referente ao Atende e eu já conversei com muita gente, com muitas pessoas. Elas tentam me convencer que estou errada, que é a questão do acompanhante ser opcional. Isso já existe em outros municípios e dá certo. Gente, tem pessoas que tem de ter alguém que responda por elas. Mas nós, pessoas com deficiência, eu

respondo por mim. Eu sei que pra ir numa fisioterapia, preciso da minha irmã, lá eu vou ter que fazer transferência e tudo mais. Agora para ir, por exemplo, numa missa, num culto, eu não tenho esse direito porque lá o médico disse que não posso. Então isso tem que ser discutido de maneira aprofundada. Aí vão falar: mas já tem uma comissão, tal, tal, tal. Tem uma comissão para discutir, mas, francamente, acho que tem que ser discutido de modo mais profundo. Não aceitamos mais esse tipo de tutela.

Obrigada, gente! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – O próximo é o Sr. Carlos Alberto. Em seguida, a último escrita: Sra. Zélia Jesus Brito.

O SR. CARLOS ALBERTO - Boa tarde a todas e a todos. Quero cumprimentar o Vereador Senival e o Vereador Toninho Vespoli - que ainda não chegou - pela iniciativa.

Primeiro, vou complementar a informação do Tuca Munhoz. Na verdade, esse processo da cadeira de transbordo está superado, já está faz um tempo e por pressão do movimento organizado. A gente acionou a ABNT, reabriu-se a discussão e agora, com muita resistência dos empresários, tem uma proposta terminada para a acessibilidade. A pessoa com deficiência, em cadeira de roda, tem em um elevador que desce até o nível da calçada, sobe ela e daí ela passa para o banco, e a cadeira fica guardada. Essa discussão era para ter sido feita em outros Estados, mas acabou ficando só aqui, em São Paulo. Agora, a gente tem que pressionar para que essa acessibilidade ocorra.

Enfim, estamos numa audiência pública, que é só mais um dos espaços que o Estado Democrático de Direito permite que a gente discuta, mas não é o suficiente. Para que essa audiência pública tenha desdobramentos, nós precisaremos tomar decisões políticas.

Foram ditas várias questões, nós sabemos qual o nosso grau de dificuldade, mas eu queria propor ao Senival, ao Toninho Vespoli - que está promovendo a audiência pública - uma comissão permanente para discutir, para viabilizar a legislação existente.

Nós, do segmento, eu vou fazer uma crítica a todos nós, mas concordando com o Tuca Munhoz: a gente come bola pra caramba, essa discussão está atrasada. Está atrasada

porque já acabou a licitação. Muita coisa que é nosso direito foi retirada na licitação e foram beneficiados os empresários. Uma das coisas mais absurdas foi dar para os empresários uma concessão de 15 anos. Isso não existe em nenhum lugar, só aqui em São Paulo, em São Paulo existe empresário podendo tomar conta do Transporte por 15 anos. Agora nós vamos ter que dormir com esse barulho. Ah, então vamos voltar pra casa, não tem mais o que fazer? Ah, é porque a licitação teve que seguir alguns parâmetros da Lei Brasileira de Inclusão, da convenção da ONU, da lei de acessibilidade que existe em São Paulo. Só que se a gente não se organizar, não cobrar, continuará tendo elevador quebrado e vai continuar o número reduzido de transporte. Nós estamos em 2019 e ainda não temos esperança, a SPTrans diz, eles vão para responder que 60% do transporte são acessíveis, só que dos 60% a gente não consegue utilizar nem 40% devido à falta de manutenção e falta de treinamento.

Na década de 90 e nos anos 2000, quem é mais velho do que eu lembra, sabe que nós discutimos o Estado mínimo. O que é o Estado mínimo? É o Estado dando mínimos direitos na área da Saúde, da Educação e do Transporte. E nós estamos prestes a ter Estado nenhum.

Na Saúde está sendo discutido um novo sistema de financiamento do SUS. Muita gente tem cadeira motorizada e agradeçam. Dificilmente vamos conseguir, quem tem cadeira motorizada ter uma de novo, e isso acontece em todas as áreas, inclusive na área do Transporte porque empresário não quer gastar dinheiro com acessibilidade.

Foi falado de treinamento, mas acabaram com o cobrador. Em vários países do mundo não há mais cobrador porque com a tecnologia, a função de cobrar o transporte não tem muito sentido. De fato, tem bilhete-único, mas nos países civilizados existe o agente de transporte, que tem a função de cuidar do embarque e desembarque da pessoa com deficiência, evitar que tenha assédio contra as mulheres, que seja respeitado o direito dos idosos nos bancos preferenciais. Aqui é um absurdo acabar com cobrador de ônibus porque as lotações param em subida, o motorista tem que sair do banco, acionar o elevador, correndo o risco de o ônibus descer a ribanceira, de alguém roubar o ônibus.

Então a minha proposta para o Senival e para o Toninho Vespoli é que tenhamos uma comissão de trabalho, mas não com o assessor, do assessor, do assessor, do assessor, mas com alguém que, de fato, possa responder politicamente junto à sociedade civil.

Para terminar, Senival, a questão do Atende, nós tivemos uma discussão forte com você. Senival, você se lembra, você foi o propositor da Lei do Atende. Depois de um longo debate, que fez parte do processo republicano, o Senival fez recuos importantes. O Atende hoje está na lei. O Atende não é para cadeirante, só que está na cultura ainda das pessoas, do serviço Atende, da São Paulo Transporte que o Atende é para cadeirante. Está no artigo um e no artigo dois que é para as pessoas que não têm condições de utilizar o transporte público, o transporte convencional.

Eu, por exemplo, se um médico olhar para mim, olhar para a Odete, vai dizer: Deus me livre e guarde, põe Atende para esse homem, ele é muito torto, ele é muito chumbado. A Odete, não vai ter Atende. A Odete é bonitinha, é retinha, ela não tem “tortice” nenhuma! Só que pela Lei Brasileira de Inclusão a Odete tem mais direito de usar o Atende do que eu, ela pode ter ou não, dependendo do lugar que more, dependendo das barreiras arquitetônicas que ela enfrente. Só que o Atende, a São Paulo Transporte precisa estar sensível para isso, porque não é mais o CID, não é mais o Código Internacional de Doença que determina quem tem direito à política pública, mas é a CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade. O mundo evolui, meus amigos, e a legislação também. Eu sei que o cobertor é curto, mas a gente precisar dar o cobertor para quem tem mais necessidade. Essa é uma questão de equidade. Assim deve ser em todas as áreas públicas e no transporte não pode ser diferente.

Para encerrar mesmo, Senival, a questão citada pela Amélia é das mais pertinentes. Como é a CID, a pessoa com deficiência precisa passar pela avaliação do médico. Ora, o médico vai olhar para a pessoa com deficiência, dependendo do grau de severidade da deficiência, ela precisa de acompanhante. E não é a questão da severidade da deficiência, mas é para que ela use o serviço. O carro do Atende já é acessível, e pessoas como a Amélia, como a Sandra Ramalho, como eu, não têm problema para embarcar e desembarcar do

serviço, só que se eu for fazer fisioterapia, eu preciso de acompanhante para ajudar na troca de roupa, eu não consigo me trocar sozinho para entrar na piscina. Só que se eu for ao cinema, com a minha namorada, se eu for ao motel, com a minha namorada, se eu for ao estádio de futebol, com o meu filho, para que preciso de acompanhante? Se o meu acompanhante não gosta de futebol e se eu não quero ir ao motel com o meu acompanhante! (Risos) Então não preciso de acompanhante. É uma questão de entender o que é direito do cidadão e o que é dever do Estado.

Desculpa eu ter demorado, Senival!

Obrigado! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Okay. Então, antes de convidar a última inscrita para fazer uso da palavra, registro a presença do Vereador Toninho Vespoli e o convido para participar da Mesa. (Palmas)

O Vereador Toninho junto comigo foi um dos proponentes da realização desta audiência pública. Ele chegou agora porque estava em outro compromisso, como já havia sido informado anteriormente.

Tem a palavra o Sr. Carlos Alberto.

O SR. CARLOS ALBERTO – Bom dia a todos. Carlos Alberto falando, sou Conselheiro Municipal da Pessoa com Deficiência. Ouvi algumas falas das pessoas e achei pertinente também fazer a minha.

Primeiramente, eu gostaria de parabenizá-los pelo evento, pela audiência, mas venho trazer algumas demandas e preocupações: primeiro sobre o transporte do Atende. Qual é a dificuldade? Coloca-se uma responsabilidade de pessoas como coordenadoras do Atende e há essa divergência na seguinte questão: motorista e coordenação.

Colocam uma responsabilidade no coordenador, os Atendes andam sem o mínimo de cuidado com os cadeirantes nas cadeiras de rodas, andam numa cidade totalmente esburacada correndo, dizem que tem limite para identificar que estão correndo, mas eles

correm por regiões que estão todas esburacadas, com som alto. Isso está acontecendo, sim.

Outra denúncia que quero fazer e que me preocupa muito: é a questão da CPTM e do Metrô. Foram tirados jovens aprendizes que conduziam as pessoas com deficiências. Está protocolado na Secretaria Estadual da Pessoa com Deficiência um pedido que a Secretaria não respondeu. Ele está em minhas mãos.

As pessoas com deficiência da cidade de São Paulo ficam preocupadas com isso porque os seguranças estão falando que não vão conduzir mais as pessoas com deficiência. Isso é um alerta, uma denúncia. Não existem mais os jovens aprendizes para nos conduzir, sendo que não tem acessibilidade a maioria das estações; os elevados qualquer um pode usar, mas o deficiente, não.

O que acontece: nós ficamos mais de meia hora esperando o elevador, mandam a gente para uma escada comum, pegam no braço das pessoas com deficiência e saem arrastando dentro da estação – outra denúncia que eu fiz.

E olhem o cúmulo do absurdo: você tem que identificar motorista de ônibus, identificar funcionário, com nome, local, horário, daí eu pergunto: como um deficiente visual – não foi respondido no meu protocolo – vai identificar o motorista ou quem está conduzindo em qualquer esfera de transporte. Não tem como. Por várias vezes, mentiram o nome para mim.

Nós ficamos à mercê de passageiros que não sabem conduzir, então, são várias denúncias. No transporte na zona Leste, denuncio aqui Jardim Helena, Vila Mara, motorista nenhum – e faço um desafio para qualquer Vereador ou qualquer representante de Comissão – para em ônibus para deficiente visual. Ele passa pelo ponto, o passageiro do lado dá sinal, ele não para. Quando vê que é deficiente visual, que está com a bengala estendida, fora a questão de acessibilidade, guias rebaixas não tem na zona Leste. Podem ir lá em São Miguel Paulista, Jardim Helena, Vila Mara. São calçadas esburacadas, pontos de ônibus inacessível para cadeirante. Então são várias denúncias para as quais eu gostaria uma atenção da Câmara Municipal.

E essa preocupação sobre a CPTM e o Metrô é muito séria. É muita séria essa

questão de não termos mais autonomia dentro das estações. E os seguranças que estão alegando que tem uma liminar, onde diz que eles não podem mais conduzir... Eles falam isso em fala. Já pedi até para relatarem isso, mas eles não relatam, que não vão mais nos conduzir a partir de janeiro. Então essa é a minha preocupação. Eu entro na estação, eu dependo de passageiros, para desembarcar é a mesma coisa. Nós já tivemos diversos acidentes. Eu assumo a minha fala. E faço um alerta publicamente: vai ter morte na CPTM e no Metrô. Eu vou fazer uma denúncia e vou deixar um alerta: vai ter morte na CPTM e no Metrô sem jovens aprendizes e sem seguranças querendo conduzir, porque vai ficar na mão de passageiro. Tem deficiente que trabalha, que sabe muito bem o que eu estou falando. Chega na estação, não tem quem conduza, e tem que sair andando, batendo bengala. Então estou fazendo um alerta muito sério: vai ter morte futuramente.

Essa é a minha fala. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Só para fazer a correção.

Falou primeiro o Alberto Ferreira de Brito, munícipe. Agora será a Zélia de Jesus Brito.

A SRA. ZÉLIA DE JESUS BRITO – Boa tarde a todos vocês. É a primeira vez que eu estou participando desse evento. Eu nunca vi aqui, e eu já estou participando.

A minha reclamação é sobre os idosos, que as pessoas não respeitam. Eu já me acidentei dentro do ônibus. Eu caí, eu tenho duas costelas fraturadas. Quando eu entrei no ônibus, que eu fui sentar, o motorista deu uma volta grande, eu me desequilibrei e caí. Fiquei desmaiada no chão, ninguém me socorreu. Foi um dia de Sexta-Feira da Paixão, todo mundo estava com pressa para ir para casa. E aí o motorista simplesmente me levou e me deixou dentro do Terminal Santo Amaro e fui embora. Eu fiquei lá esperando. Eu liguei para o meu filho ir me buscar. Aí que o meu filho foi lá me buscar e me levou para o hospital. Mas eles não me deram atenção e não me deram assistência, foi a empresa Cuba que fez isso. E eu também não denunciei ninguém porque eu estava sozinha, não sei quem foi que me atendeu, eu não tive como marcar o número do crachá do motorista e nem a placa do ônibus. E até hoje eu

sinto muita dor porque eu fui acidentada. E outra coisa: eles não respeitam os idosos. Quando os idosos pisam o pé na porta do ônibus, eles arrancam. E quando entra mais de três, quatro idosos, dentro do ônibus, eles só respondem: “Entrou esse monte de velho para tomar espaço dos jovens”. Eu sou velha. Todos nós um dia vamos ser velhos. “Olha a velharia”. Eu acho uma falta de respeito, principalmente aquelas peruas laranjas que fazem final lá perto da igreja do Padre Marcelo, que faz de SPMarket até Campo Limpo. Eles não respeitam as pessoas, principalmente idosos. Eu estou falando pelos idosos. Eu sou idosa e falo em nome de todos: tem que ter respeito. Ninguém nos respeita. Um dia eu falei para o rapaz: “Será que você não ficar idoso também? Não humilhe as pessoas idosas porque a sua mãe também pode ser uma pessoa idosa”.

Outra coisa: a menina diz que tem que falar sobre entrar com a cadeira de rodas pela porta de trás.

Quando a pessoa vai descer, está aquela montoeira de gente na porta. Não tem nem como cobrador sair para ajudar a tirar a criança de dentro do ônibus. Não dá espaço para o cobrador chegar até a pessoa. Então tem muita dificuldade para nós, idosos, e para pessoas que usam a cadeira de rodas. Aliás, meu marido foi cadeirante, meu marido participou muitas vezes desses eventos, só que ele faleceu. Então eu estou substituindo ele para falar sobre nós, idosos.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Ok, Dona Zélia. Convido para fazer uso da palavra o Vereador Toninho Vespoli que estava em outro compromisso e por essa razão acaba de chegar. Em seguida passarei às devolutivas da Mesa, representantes da CET, SPTrans, para responderem o que foi apontado por vocês.

Pergunto se há aqui motoristas do Atende? (Pausa) Quantos motoristas do Serviço Atende estão presentes? Três. Observaram as falas? O Serviço Atende precisa melhorar muito.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Mas também tivemos falas de motorista do Serviço Atende, por isso perguntei quantos têm e se ouviram. É bom informar os colegas. Aqui estão os representantes dos setores, da SPTrans, que cuida diretamente e é muito bom que possamos nos preparar para qualificar muito. Não vamos falar do motorista do transporte público de passageiros porque não estão aqui, mas o recado foi dado.

Com a palavra o Vereador Toninho Vespoli.

O SR. TONINHO VESPOLI – Bom dia. Nosso mandato pediu esta audiência pública para a Comissão de Trânsito, Transporte, Atividade Econômica, Turismo, Lazer e Gastronomia, porque há muitas reclamações que chegaram ao gabinete, até porque temos uma relação forte com as pessoas portadoras de deficiência e por isso resolvemos fazer esta audiência pública.

Algumas pessoas podem dizer: Toninho, mas já falamos tanto, fizemos várias audiências públicas e estamos cansados de falar a mesma coisa e queremos ver efetividade. E a proposta do Carlos, a ideia de fazer um GT para acompanharmos as reclamações e como podem ser encaminhadas para dar solução é uma coisa boa.

Fizemos isso, inclusive, para o pessoal do TEG. Fizemos audiência pública e os nossos dois mandatos acompanharam algumas coisas e boa parte delas foi resolvida. E acho que devemos ir aqui pelo mesmo caminho e depois vou conversar com o Presidente da Comissão de Transporte, Vereador Senival Moura. E quero agradecer o Vereador porque estava em outra agenda também discutindo Educação Inclusiva, e estava na Mesa, debatendo, e não tive como falar não, mas sabia que o Vereador Senival Moura estava aqui representando também o nosso mandato.

Agora sim podemos acompanhar as questões, mas tudo passa pelo orçamento. Estamos discutindo o orçamento da cidade de São Paulo, já foi votado em primeira na semana passada e será votado em segunda talvez entre quarta e quinta-feira, mais provavelmente quinta-feira.

Vocês têm de ir visitar os gabinetes, levar as reivindicações, pressionar, porque não

adianta, por exemplo, termos na cidade de São Paulo um orçamento de quase 800 milhões para recapeamento de rua e é claro que recapeamento é importante porque passa o Atende, o transporte coletivo, mas, no final das contas, está privilegiando o automóvel particular. Se eu não me engano, há dois milhões só para corredor de ônibus. Se não for feita disputa na cidade de São Paulo, não haverá política pública atendida. Por isso, deve-se fazer a disputa no Orçamento, que é o lugar realmente onde vai ser jogado o dinheiro e colocado o investimento para política pública. Tem-se que discutir a questão das pessoas com deficiência no Orçamento.

Para terminar, como eu sei que muitos aqui foram amigos do Serginho, na semana passada, tentamos votar o PR do Prêmio Serginho Lisboa na Câmara Municipal, mas perdemos por causa de um voto; foram 27 votos. Como o projeto deve voltar a ser apresentado na semana que vem, peço que as pessoas se movimentem e conversem com os Vereadores para que consigamos aprovar o prêmio.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Essas foram as palavras do Vereador Toninho Vespoli.

Foram muitos os apontamentos que têm relação direta com a Secretaria de Transportes e com a SPTrans. O representante da Secretaria Municipal de Mobilidade e Transportes é o Sr. Silvio Roberto de Arruda Leme. Não sei quem gostaria de falar primeiro, o Sr. Silvio ou o representante da SPTrans, o Sr. José Carlos.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Então, tem a palavra o Sr. José Carlos.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Falaremos da questão do Atende. O pessoal falou dos motoristas. Fazemos pesquisas anuais e, segundo as três últimas sobre as atividades dos motoristas do Atende, num índice de zero a dez, a nota foi de 9,41, 9,50 e 9,81 nos últimos três anos. Se o serviço Atende é o que é hoje, é por causa dos motoristas, cujo desempenho, eu tenho certeza, é aprovado pelos usuários.

Agora estamos numa fase de transição, saindo do antigo estrutural e vindo para o distribuidor. De fato, temos motoristas novos e implantamos o sistema de rendição, e a quantidade de motoristas que tínhamos antes dobrou. Então, temos motoristas novos e enfrentamos algumas dificuldades, não há dúvida quanto a isso, mas todas as situações que nos chegam, via 156 ou diretamente nos encontros e reuniões, são tratadas uma a uma, sempre procurando melhorar a qualidade do serviço.

Particularmente, como gerente do serviço no momento, por tudo aquilo que vemos, os motoristas fazem, sim, um trabalho muito bom. Se o serviço tem que melhorar, não há dúvida. No entanto, duas coisas me chamaram a atenção: duas pessoas terem falado que o som do carro é alto. Isso é algo que vamos verificar e orientar os motoristas, porque nós não colocamos faca nos pescoços deles, mas os chamamos e os orientamos, sempre no sentido de obter o melhor deles, e temos conseguido fazer isso.

Então, sobre os motoristas, era isso o que eu tinha a falar. Casos em que eles correram ou, eventualmente, colocaram o som alto, além de uma eventual falta de educação, como relataram a Dona Amélia e Dona Odete, cometida por um motorista ou outro, devem ser passados para nós via 156. A Marli é do Conselho, onde sempre nos reunimos todas as quintas-feiras, e todos os casos relatados via *e-mail* serão tratados um a um.

Sobre a questão abordada pela Amélia e pelo Carlos, o fato de o usuário necessitar de acompanhante num lugar e não num outro, essa história não é de hoje e sobre ela nós já conversamos e debatemos. Porém, essa é uma situação que foge da nossa autonomia, porque não é a SPTrans que vai dizer sim ou não. Não sei se vocês sabem, mas o Atende é formado não apenas pela SPTrans, mas pela SMPED, pelo Conselho e pela Saúde. Essa é uma questão que tem que ser enfrentada juntamente com a Saúde, como nós fizemos, e a Marli, como presidente do Conselho, está aqui para provar. Já expomos a ela essa situação e, até então, o entendimento é de que, se a pessoa precisa de um acompanhante para ir a um determinado lugar, ela vai precisar dele para todos os lugares onde for.

Então, Amélia, essa é uma discussão que temos que retomar, e não vai ser o José

Carlos Biagioni nem a Marli, como presidente do Conselho, que, individualmente, vão tomar essa decisão. Nós temos que sentar e voltar a discutir, pois isso envolve ficha de avaliação médica, sobre a qual não temos nenhuma autonomia para mudar.

Sobre o que a Dona Odete também falou, o treinamento dos motoristas, gostaria de dizer que o motorista do Atende, inicialmente, faz um treinamento de capacitação de oito horas no Sest Senat. Com o certificado, ele faz um treinamento prático de 110 horas ao lado de um motorista titular de uma van. Em média, são 12 dias vendo como operar o elevador, como fixar a cadeira, tendo contato com o usuário. Só após isso ele assume um carro. Na sequência, ele recebe outro treinamento também de oito horas que serve para revisar o que ele aprendeu. Portanto, após o treinamento no Sest Senat, ele faz o prático e, após isso, discutimos com ele uma série de itens para verificar se ele está habilitado, se ele tem dúvidas, sempre objetivando a melhoria da qualidade do serviço. Além disso, a cada quatro anos, ele passa pelo que chamamos de reciclagem. Por exemplo, quando começamos a atender os autistas, oferecemos a todos os motoristas um treinamento específico e, quando introduzimos o sistema de trilhos nos carros para fixação da cadeira, eles também foram treinados.

Então, há uma preocupação bem grande do serviço Atende e da SPTrans na questão do treinamento.

Para finalizar, para toda e qualquer reclamação que houver em relação não somente ao Atende, mas também referente a ônibus, existe o canal 156. Telefonem e registrem a reclamação. Por exemplo, aquela moça disse que registrou cinco reclamações, e ela tem que ter um retorno, não importa se positivo ou negativo, mas plausível.

Sobre o que a Amélia Galan também comentou, da questão de algumas sinalizações, de reclamações do 156, nós vamos voltar a discutir essa questão do 156 para ver no que conseguimos melhorar.

Muito obrigada. (Palmas)

- Manifestação na plateia.

(NÃO IDENTIFICADA) – Então, chamaram os condutores para estarem juntos

nessa escala, na hora de fazer a escala. Por exemplo, eu estou tendo um problema, e já até comuniquei a você: eu viajo lado a lado com uma menina que tem problema intelectual muito sério. Ela agarra o meu braço e me puxa para cima dela. Já me machucou, assim, de tirar sangue. Aí, a mãe não pode ir em pé, segurando a menina. Não é?

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Não, perfeito! Deixe-me explicar para você, Amélia, porque é assim: o processo que é utilizado é ao contrário, na verdade. O que nós fazemos? Nós temos um *software* que nos ajuda. O Altair esteve conosco, lá. Sabe do roteirizador. Hoje, ele funciona bem melhor, não é? Então, é ele que faz, inicialmente, a criação desses itinerários, da formação das pessoas que serão embarcadas e desembarcadas ao longo do dia.

Então, ele faz. Nós analisamos se os tempos estão bons, se os horários estão de acordo, e, na prática, esse tipo de coisa que a Amélia disse acontece, de fato. Nós temos algumas situações de autistas. Por características, eles acabam, enfim, sendo violentos. De repente, eles acabam agredindo uma criança, coisa e tal. Então, nós vamos ajustando isso na medida em que nós recebemos o retorno, porque hoje o nosso universo de atendimento está na casa de 5.300 pessoas, com 450 *vans*.

Nós não temos a condição de, já no ato, separar, como era antigamente: “Olhe, aquele usuário faz isso. Então, separe um do outro.” Nós não temos essa condição, porque, aí, nós não teríamos uma quantidade maior de pessoas no carro. O que nós fazemos hoje é: para tudo aquilo que é anormal, que é exceção, acabamos locando o táxi. O táxi nos ajuda nessa situação. Está bem?

Porém, volto a falar: informem-nos sobre tudo aquilo que é referente ao serviço Atende e não for de acordo com as necessidades. O Atende sempre fez, sempre correu atrás e não vai ser diferente agora. Está bom?

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Ok, só quero registrar que o convite foi estendido ao Sindicato dos Condutores. Então, foi feito o convite. Não sei por qual razão, não esteve presente aqui um representante, mas o convite foi estendido a eles. Ok?

Então, agora, vou convidar, aqui, o Sr. Lindolfo, o próximo a fazer uso da palavra. Pode falar, Sr. Lindolfo, agora, já? O microfone está aqui, ao lado. Depois do Sr. Lindolfo, eu convido o representante da Secretaria Municipal de Mobilidade e Transporte, SMT, que é o Sr. Sílvio Roberto de Arruda Leme.

O SR. JOÃO LINDOLFO FILHO – Quero saudar todos, novamente. Quero saudar os nobres Vereadores Toninho Vespoli e Senival Moura.

Eu sou representante da Assessoria de Articulação Comunitária, trabalho que nós somos orientados a desenvolver. É de nos aproximar da comunidade organizada, colher as suas reclamações, as suas sugestões, e levar para dentro da empresa, para receber o tratamento adequado pelas áreas responsáveis.

O usuário comum liga para o 156. Os senhores, que são organizados em torno desta Mesa, que são organizados em torno dos seus conselhos, podem entrar em contato diretamente conosco, porque nós entendemos que o anseio de cada um dos senhores representa o anseio de uma série de outras pessoas. Então, é nesse sentido que nós nos colocamos à mais inteira disposição. Os meus *e-mails* são joao.filho@sptrans.com.br e comunidade@sptrans.com.br.

Então, os números colocados pelo nobre Vereador são absolutamente alarmantes. São números do preconceito e preconceito é uma coisa que eu conheço bem, é uma situação absolutamente aterradora. O acesso à cidade é um direito de todos. O trânsito pela Cidade é um direito de todos e o Poder Público tem de garantir que isso aconteça de maneira conveniente.

Acessibilidade para as pessoas com deficiência vem aumentando gradativamente, mas pelas declarações todas que ouvi aqui evidente que não está suficiente. Eu visitei as garagens e vi os treinamentos aos quais são submetidos os condutores, os operadores, os motoristas e cobradores. Existe treinamento de prender a cadeira de roda, sim, existe treinamento... O motorista de olhos vendados é ajudado pelo cobrador a subir no ônibus, o cobrador da perna imobilizada é ajudado pelo motorista a subir no ônibus.

Então, eles são treinados para prestar um serviço de excelência à comunidade. Agora, existem aqueles que precisam ser mais treinados. Como saber quem são aqueles que precisam ser mais treinados? É necessário que se tenha o prefixo, horário e local para que ele seja mais treinado. Como o colega do Atende falou, existe o treinamento no Atende também, mas são seres humanos e há pessoas que necessitam de um treinamento a mais. Então, é necessário o prefixo, horário e local.

Como é que é isso? “Ah, estou pegando o seu prefixo aqui!” Não, nada disso. Desce do ônibus, quando ele está indo embora veja o prefixo, depois o horário e local. Você anota o horário e local, pois é importante que se tenha isso e envie para a gente porque por mais que a empresa, que é a gestora tenha olhos para a Cidade toda, não dá, não há como enxergar a Cidade em detalhes. Então, é importante que os senhores nos prestem essa ajuda para que possamos aprimorar o nosso trabalho.

Então, é nesse sentido que eu me coloco na mais inteira disposição dos senhores. Está aí o meu *e-mail*, é público, meu telefone também e podemos continuar dialogando sobre essas questões.

Essas questões que foram levantadas estão elencadas e vão ser consideradas e o que tiver a mais pode enviar para gente. Está bom?

- Manifestação fora do microfone.

(NÃO IDENTIFICADA) – Então, isso foi trazido inclusive pelo Alberto e em uma das plenárias eu falei o seguinte: eles têm dificuldades, eles não conseguem pegar os números, então eu sugeri que fosse falado a linha e o horário em que ele pegou, eu acho que isso basta para identificação.

O SR. JOÃO LINDOLFO FILHO – Dá um pouco mais de trabalho, mas tem que bastar. Eu estou sentindo falta aqui...eu conheço várias pessoas aqui, mas eu estou sentindo falta da Fátima e do Toninho.

(NÃO IDENTIFICADA) – Não estão aqui. Hoje nós tivemos o Novembro Azul e eles estão pegando os exames.

O SR. JOÃO LINDOLFO FILHO – São pessoas que a gente tem dialogado e é com muito prazer que eu venho colher as reclamações e sugestões para aprimorar o trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Passo a palavra imediatamente ao Sr. Sílvio Roberto de Arruda Leme.

O SR. SÍLVIO ROBERTO DE ARRUDA LEME – Novamente, bom dia a todos.

Agradeço a iniciativa dos Vereadores Senival Moura e Toninho Vespoli por este encontro. Como Secretaria, estamos aqui bem representados na Mesa tanto pela SPTrans com o José Carlos, Francisco, como também pela CET com o Jefferson.

Então, foi dada uma orientação pelo nosso Secretário para dar toda a atenção e em que a gente puder, vamos contribuir. Nós vamos depois dar a devolutiva de todos esses anseios, que viemos registrar com toda a nossa atenção para que consigamos se não a totalidade, pelo menos em parte atender o mais rapidamente os anseios desse segmento e também da população como um todo que tem sofrido. A gente também é usuário do transporte e sabe das necessidades que a população tem passado.

Quero pontuar, se eu puder, só adiantar algumas medidas que estão sendo feitas. Nós já participamos bastante das câmaras técnicas do Conselho Municipal de Transporte e Trânsito e recolhemos muitas informações, e também aquilo que vem da Comissão e Trânsito e Transporte, da Câmara Municipal. Não estou falando nada que seja prometido ou que não esteja sendo executado, mas que vem muito a calhar, que é um plano chamado Programa de Requalificação de Calçadas, que é da Secretaria Municipal de Subprefeituras.

É um programa que estamos fazendo junto com o nosso Secretário Cid Torquato, que é o Secretário das Pessoas com Deficiência. Fizemos toda uma adaptação, que é o programa de recuperação de calçadas. Elas serão reformadas e já estamos iniciando.

Então, não estou falando nada que seja uma novidade, porque já teve todo o processo licitatório e de contratação. Já está em início, começaram na semana passada as obras e que inclui todo o nosso plano de segurança viária, toda a parte de obras do Plano de Segurança Viária e vai estar incluso nesse programa de calçadas.

Ele inclui requalificação de calçadas. São calçadas novas com no mínimo 1,20 para o trânsito de pedestres - se puder vai ser mais -, remoção de interferências, como até mesmo semáforos e colunas semaforicas, postes da Eletropaulo e também a parte de interferências como os antigos orelhões e algumas coisas que vão ser retiradas da calçada para que o trânsito se torne melhor para o pedestre. Também os desníveis de pista, que não vão poder ter 2% de inclinação. Isso para quem é cadeirante vai ajudar bastante e também a questão desses acessos para os carros que serão nivelados e estão sendo feitos, num primeiro instante, nas vias que tem maior volume de pedestres.

Então, independe se é pessoa com deficiência ou não, mas ela atende a toda a população. São cerca de um milhão e 600 mil metros quadrados de calçadas que vão ser recuperadas. Isso nas 32 subprefeituras, então, atende toda a Cidade.

A região central terá um tratamento diferenciado e não está nesses um milhão e 600 mil metros quadrados.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Isso é para o próximo ano?

O SR. SÍLVIO ROBERTO DE ARRUDA LEME – Já iniciou neste ano, e, no ano que vem, haverá a conclusão. Acho que é uma coisa bastante importante.

Paralelamente a isso, nós estamos fazendo, para o ano que vem, a implantação de lombadas e lombofaixas – que são as travessias elevadas.

Como eu falei, no programa de segurança, vamos implantar várias vias, chamadas vias seguras: Estrada de Itapecerica, Dona Belmira Marin e Raimundo Pereira de Magalhães. Essas são vias com grande número de acidentes. Já foi implantado na M'Boi Mirim e na Avenida Carlos Caldeira Filho.

Têm áreas calmas como São Miguel, Santana, Lapa, Lapa de Baixo, Pari; depois, temos as rotas escolares seguras, que vamos implantar, com avanços de calçada nas esquinas; vamos fazer cerca de cem vias espalhadas nas 32 Subprefeituras, com os rebaixamentos adequados para os deficientes, com piso tátil, em todas as esquinas que sofrerão essa requalificação. Também colocaremos as devidas sinalizações verticais e

horizontais.

Essas são medidas para atingirmos uma meta que é a redução drástica do número de acidentes que temos na Cidade, sobretudo, com foco no pedestre - mas atinge todos nós essa segurança do pedestre.

É o que temos para atingir futuramente, porque, como chamamos “nenhum acidente é admissível”, nível zero de acidentes. Essa é a meta que vamos perseguir.

Era isso que eu queria falar.

Eu não quis me atentar, mas dentro desse programa, que estamos fazendo com o Secretário Cid Torquato, temos as rotas de deficientes visuais. Já temos cinco áreas que envolvem hospitais e clínicas. Nas proximidades dessas áreas, como próximo à Fundação Dorina Nowill, vamos fazer a adaptação das calçadas para os deficientes visuais. Além disso, será instalado semáforo sonoro – já testamos em alguns lugares – em toda a roda dos deficientes visuais, além do piso tátil, em toda a extensão. Isso tudo para o ano que vem. É uma coisa que já está acertada, contratada. Não é uma simples promessa. É uma coisa que já está mais avançada.

A meta é para 2020. Há um estudo para ampliação do volume do programa. Isso é coisa de contrato, já há verba e uma dotação aprovada para isso. Eles já estão contratados.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Para toda a São Paulo.

O SR. SILVO ROBERTO DE ARRUDA LEME – Ele já está contratado.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Para toda São Paulo.

- Manifestações no recinto.

O SR. SILVO ROBERTO DE ARRUDA LEME – Não, tem uma quilometragem. Ele não atinge toda a chamada PEC, que é o plano de recuperação de calçadas; mas ele atinge uma parte substancial, sobretudo das áreas onde há uma concentração maior de pedestres. Na Cidade há áreas com um volume mais baixo de pedestres; então, onde há concentração...

Normalmente, são as vias principais.

- Manifestações no recinto.

O SR. SILVO ROBERTO DE ARRUDA LEME – Essa parte já vem de estudo no qual já foi feita inclusive toda essa pesquisa junto às comunidades. Agora,...

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Todas as demandas apresentadas na Cidade foram atendidas conforme...

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim. Eu estou entendendo que foram apresentadas diversas desse 1,6 milhão em diversos pontos da Cidade, pelo que eu entendi.

- Manifestações no recinto.

O SR. SILVO ROBERTO DE ARRUDA LEME – Essas demandas, elas foram feitas junto às subprefeituras. Foram ouvidas as subprefeituras também para a inclusão desses locais.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Mas estamos abrindo o debate novamente, estas são devolutivas!

- Manifestações no recinto.

O SR. SILVIO ROBERTO DE ARRUDA LEME – É assim: logicamente, os locais onde há pouco volume ou volume de pedestres menor, provavelmente não serão atingidos. O local onde há um volume de pedestres grande será atingido. Essa é a ordem. É o que falei: para os anos de 2021 e 2022, será tentada uma ampliação disso. Queremos crer que o sucesso – se esse programa tiver sucesso -, provavelmente a própria sociedade civil vai fazer questão de também ter. Por exemplo, a Avenida Carlos Caldeira Filho tem; por que a Estrada de Itapeverica ainda não tem? Vai ter, não é. A Estrada de Itapeverica vai ter agora, só para informar. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – O.k., Sílvio. Então, o Sílvio respondeu algumas delas, pois há muitas, e as demandas estão espalhadas por diversos pontos da

Cidade. Foi o que eu entendi. São 1,6 milhão de metros quadrados de calçadas em São Paulo que precisam ser feitas. Sei que é impossível se atender a toda a Cidade, porque a demanda é muito grande, e temos ruas que sequer tem calçadas, quanto mais melhoramento. Então, está muito ruim, sabemos disso. Há bairros que são intransitáveis, mas fica essa ansiedade. Se cada ano se cumprir uma etapa dessas, nós um dia alcançaremos o que desejamos. Esta foi uma das demandas que vocês apresentaram, creio que uma das maiores sobre a qual houve apontamento, questionamento, reclamação: rebaixamento de guia, calçamento *etc.*, e o Sílvio já trouxe um punhado de respostas.

Eu iria passar a palavra ao Francisco para responder sobre a questão dos motoristas, mas o Tuca pediu para falar para complementar. Então, passo primeiro para o Tuca.

O SR. ANTONIO CARLOS MUNHOZ (TUCA) – Obrigado. Primeiramente, o seguinte: quando chegamos à SPTrans, foi criada uma Comissão – de que inclusive participaram o Carlos, a Sandra e outras pessoas – para discutir questões ligadas às pessoas com deficiência, mobilidade e transporte. Um dos objetivos trazidos foi justamente levantar questões de mobilidade entre pontos de ônibus e locais de interesse. Lembra-se disso, Carlos? Essa Comissão, formada por pessoas com deficiência, ficou até de trazer várias sugestões sobre quais seriam esses trajetos. Houve uma desmobilização das pessoas, e nunca recebemos de fato essa sugestão. Porém, independentemente disso, começamos a trabalhar a questão da mobilidade envolvendo o ponto de ônibus. São Paulo tem quase 20 mil pontos de ônibus, e tínhamos que começar de algum lugar. Pesquisando sobre onde deveríamos começar para criar acessibilidade no entorno de pontos de ônibus, acessamos uma pesquisa feita pela Organização Social Santa Marcelina, que administra várias unidades de saúde em São Paulo. Essa pesquisa dizia que boa parte do absenteísmo, boa parte das faltas das pessoas que não comparecem a tratamentos de reabilitação se dá por dificuldades de mobilidade. A partir disso, começamos a trabalhar isso que o companheiro da CET falou. Nós negociamos junto à Secretaria de Subprefeituras para que os centros de reabilitação públicos,

os CERs – Centros Especializados em Reabilitação, os quais encontram-se todos na periferia,... Pessoal, silêncio, por favor, Isso é de interesse de todos! Esses centros de reabilitação que estão na periferia serão os primeiros beneficiados, e essa requalificação de calçadas vai abranger também – negociamos isso recentemente – os Centros de Reabilitação. Então, os trajetos entre esses centros e os pontos de ônibus mais próximos entrarão nesse processo de requalificação de calçadas.

Temos, na cidade de São Paulo, 34 Centros Especializados de Reabilitação, espalhados pela periferia da Cidade. No momento dessa primeira intervenção na requalificação de calçadas, 8 centros de reabilitação entrarão. Então, 8 centros de reabilitação já farão parte desse processo de requalificação de calçadas, com o ponto de ônibus mais próximo. Como eu disse, são 34 centros de reabilitação abrangendo 137 pontos de ônibus próximos a esses centros, Num primeiro momento, começaremos com 8 desses centros, como disse o companheiro da CET. Então, é um processo pequeno frente a cerca de 20 mil pontos de ônibus, mas, como algumas pessoas disseram aqui, onde for tecnicamente possível, serão pontos de ônibus alteados; a calçada será mais alta, facilitando o embarque e o desembarque e uma série de outras coisas.

Eu não poderia deixar de citar que esse processo todo nasceu graças à Imaculada, que está presente. Perto da casa dela foi feita a primeira experiência. Quem quiser conhecer, posso enviar. A primeira experiência foi realizada próxima à casa da Imaculada, na rua dela, e ficou muito bom. Se você, Imaculada, quiser falar algo sobre isso... Foi a primeira experiência na periferia, e quem quiser conhecer, acho muito importante.

Realizamos também outra iniciativa, essa na Lapa, juntando a Biblioteca Mário Schenberg, que é a segunda maior Biblioteca da cidade de São Paulo com acervo em braille, frequentada por muitas pessoas cegas, ligando a biblioteca braille, o Centro Especializado de Reabilitação que está no Hospital Sorocabano ao Terminal de Ônibus da Lapa, num trajeto completamente acessível.

Então, coisas têm acontecido, e eu gostaria muito que vocês soubessem do que

está acontecendo. Quero tomar a liberdade, Vereadores Senival e Toninho Vespoli, de fazer um comentário que talvez não gostem. Da maioria das pessoas que aqui vieram para tomar a palavra, tudo ou quase tudo o que foi dito foram reclamações. Cadê as propostas? Onde estão as propostas do movimento? Estão aqui o Conselho Municipal, o Conselho Estadual, duas organizações, a FCD e a Pastoral, mas não escuto propostas, só reclamações. Precisamos de propostas, queremos propostas para viabilizar e não reclamações de indivíduos, de um que fale que tem um problema, de outro que fale que tem um problema. Cadê as propostas do movimento? Onde estão as suas reivindicações que não sejam reclamações de indivíduos? Queremos propostas do movimento. É assim que o Poder Público funciona, como já foi dito aqui, e não por meio de reclamações de indivíduos.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra o Sr. Francisco Antonio Toledo de Olival, que vai falar um pouco sobre o transporte público; inclusive os motoristas foram muito elogiados aqui, e acredito que ele possa acrescentar algo.

O SR. FRANCISCO ANTONIO TOLEDO DE OLIVAL – Não sobre os motoristas, mas sobre os veículos propriamente ditos. Como houve alguns questionamentos sobre veículos e como eu trabalho diretamente com especificação de veículo, explico que todos os veículos são da mesma largura e as rampas são todas iguais, com 95 centímetros de largura, uma vez que a porta tem obrigatoriamente esse vão, conforme norma da ABNT. Agora, quanto ao estreito próximo ao motorista, existia um balaústre que atrapalhava, que era o fechamento do motorista para que ninguém invadisse sua área. Isso foi retirado, como sabe muito bem o Tuca, que foi quem fez uma solicitação. Então, já não há mais esse obstáculo.

Quanto à altura de 450 ou 45 centímetros, isso é algo sobre o qual não podemos fazer nada, pois esse tipo de veículo, que é o que normalmente opera na periferia, por conta de sua configuração e do seu sistema de suspensão, não permite ser mais baixo. A não ser que seja um veículo de piso baixo, que tem 37 de altura e, portanto, é mais acessível a pessoas mais idosas.

Hoje em São Paulo, da frota de 14 mil, 56% têm piso baixo e 44% têm piso alto. Então, isso está sendo substituído gradativamente, e acho que conseguiremos melhorar mais com o tempo. Existem locais na periferia que não permitem veículo de piso baixo, o que é extremamente ruim exatamente devido à sua altura em relação ao solo e, por isso, ele apresenta alguns impedimentos técnicos.

- Manifestação no recinto.

O SR. FRANCISCO ANTONIO TOLEDO DE OLIVAL – Isso. É o motor dianteiro. Mas, infelizmente, há lugares em São Paulo que só permitem a operação desse tipo de carro, lugares que não têm condições de outro tipo de veículos, pelo menos por enquanto.

Outro detalhe comentado foi sobre a cadeira. Nós temos um problema muito grande com cadeiras de roda, pois existem diversos tamanhos; inclusive o Tuca está fazendo um trabalho com a ABNT de padronização de tamanhos de cadeiras de roda. Quando isso ficar pronto, poderemos levar isso para os ônibus e, aí, sim, definir uma área e um tamanho específico para o acesso e por aí afora, pois existem cadeiras que são muito maiores, de diversos tipos, algumas automáticas.

O SR. ANTONIO CARLOS MUNHOZ (TUCA) – Deixe-me só lembrar uma coisa: dessas cadeiras, tirando a modelo B400, nenhuma é aprovada pela ABNT em termos de segurança. Então, por mais que tenhamos sistemas de afixação de cadeiras, se acontecer um acidente, fora as cadeiras B400, que são importadas, não há nenhum modelo ou marca aprovada pela ABNT. Um absurdo.

O SR. FRANCISCO ANTONIO TOLEDO DE OLIVAL – Ainda sobre a rampa, uma senhora comentou da dificuldade do motorista devido ao peso, mas ela não é tão pesada assim, não chega a três quilos e dá para ser movimentada facilmente, principalmente por ela ter um apoio, uma base na qual a cadeira pode ser articulada. Inclusive eu tenho uma notícia boa para vocês: estamos fazendo um trabalho importante, desenvolvendo uma automática, em que o motorista só vai apertar um botãozinho para ela sair. É algo demorado, não é do dia para a noite, mas estamos desenvolvendo e logo, logo vocês vão conseguir ver.

Quanto à segunda área do cadeirante, também é um trabalho que estamos desenvolvendo há alguns anos e já conseguimos instalar nos ônibus maiores, nos superarticulados; os demais veículos apresentam alguns impedimentos técnicos, como necessidade de alteração de equipamento de lugar, e a montadora reluta em mudar isso. Então, esse é um trabalho mais profundo, mas nós vamos chegar lá também.

A SRA. SANDRA RAMALHOSO – Chico, foi falado também sobre o cadeirante no fundo.

O SR. FRANCISCO ANTONIO TOLEDO DE OLIVAL – Sobre isso, vou falar agora.

A SRA. SANDRA RAMALHOSO – Então, porque é muito difícil de estacionar, já que a parte de trás fica muito longe e complica para desembarcar do ônibus.

O SR. FRANCISCO ANTONIO TOLEDO DE OLIVAL – Acontece que, nos veículos superarticulados, a posição do cadeirante fica no fundo do carro, justamente para alguns itens que têm que ficar na dianteira; ou seja, esse veículo é obrigado a ter a segunda catraca registradora para agilidade do embarque, porque, pelo seu tamanho, é um veículo de atendimento de alta demanda. Fora isso, há as caixas de roda, e por isso não se pode pôr banco para ninguém ali. Além disso, o ônibus precisa, por lei, disponibilizar quatro assentos reservados na sua dianteira. Como não há maneira de disponibilizar mais áreas reservadas, foram colocadas atrás.

No entanto, há, sim, toda a condição de o motorista ver, pois o seu painel dispõe de sinal e ainda há câmera. Por isso, essa dificuldade não existe. É lógico que, num veículo como esse, um superarticulado, não há como o cobrador sair de lá e ele tem que continuar trabalhando, até para atender a um deficiente no fundo. Infelizmente, portanto, não temos local para colocar neste momento. Além disso, nesse veículo, já existe um segundo espaço para outro cadeirante; há condições de levar os dois nesses novos veículos que estão saindo, produzidos desde o início deste ano.

Eu acho que essas foram as dúvidas em relação ao veículo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Obrigado, Francisco. Acredito que suas

respostas tiraram bastantes dúvidas das pessoas, que é o grande objetivo da audiência pública.

Informo que foi apresentada pelo Carlos Alberto a sugestão para se instituir uma comissão permanente de estudos para se discutir o serviço de acessibilidade na cidade de São Paulo. Como foi pedido para os mandatos atuarem sobre esse assunto, vamos levar a pauta para prepararmos e poderemos, em conjunto com o mandato do Vereador Toninho Vespoli, instituímos isso. Acho que é importante e bom falarmos sobre isso e, quem sabe, para o próximo ano, a Comissão de Trânsito e Transporte possa dar uma atenção especial a isso, apesar de que, em todo o tempo em que eu estive lá na Comissão, sempre deixei a dita Comissão à disposição do movimento para atendermos às reivindicações que forem apresentadas a qualquer momento. Mas está acolhida a sugestão do Carlos, e vamos trabalhar para que possamos avançar nela.

As lideranças que falaram exigiram a devolutiva desta audiência pública. A assessoria técnica da Comissão sistematizou tudo e depois vamos informar, juntamente com o Executivo, com o compromisso de trazer formalmente as devolutivas a todos vocês. Como sabemos que vão ficar para o próximo ano, e aí nós vamos preparar e vamos ver de que forma conseguiremos trazer. E aí o mandato do Vereador Toninho também estará monitorando isso em tempo real, para podermos trazer essas informações a todos vocês.

Sobre os problemas de diversas naturezas, os questionamentos e reclamações, e com razão, especialmente no que diz respeito ao comportamento de motorista do transporte público, que eu entendi que foi a maior queixa. Há, sim, planejamento, treinamento, mas, infelizmente, é da natureza do ser humano, às vezes, cometer desleixo para lá e para cá. Mas há investimento sobre isso em todas as empresas, todas as garagens. Inclusive, tem que apresentar um cronograma à SPTrans. Todas as garagens têm treinamento, têm cadeiras de roda, têm assistente social cuidando disso, mas sabemos que é muito difícil. Mas vamos reforçar isso também, porque é outro ponto muito crítico.

Estendemos o convite tanto ao Sindicato dos Condutores quanto ao Sindicato dos

Metroviários também, mas, infelizmente, não vieram no dia de hoje. Mas vamos poder registrar tudo para cobrar a responsabilidade deles. A SPTrans está presente, a SPTrans entendeu muito bem, e tenho certeza que fará também o seu papel de reforçar a cobrança no que diz respeito ao tratamento de motoristas e cobradores.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Pode.

(NÃO IDENTIFICADO) – Eu sei que os motoristas têm alguns representantes. Ele é o elo mais fraco disso. Você tem toda uma tecnologia, tem empresários, tem o governo, tem gestão, tem máquinas, e eu acho, de certa maneira, injusto culparmos somente o motorista. Brigamos com eles, há muitos que são mal educados, mas eles não são os principais culpados. Os principais culpados dessa mobilidade que nós temos hoje são o gestor e os empresários. Esses dois é que são os culpados pelo que temos hoje aqui, e não o motorista.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, mas eu estou dizendo da seguinte forma.

Todos os motoristas passam por treinamento, é feito investimento. Temos que deixar claro: não podemos querer nivelar por baixo, porque tem os motoristas que prestam um serviço exemplar, com atenção, com cuidado, com carinho, com tudo. Mas tem aqueles que recebem todo o treinamento, toda a condição, mas, infelizmente, seu comportamento perante o usuário... É nesse sentido que nós estamos falando, nós não estamos triando a responsabilidade do empresário. Nós estamos dizendo que infelizmente tem motorista que trata dessa forma, porque eu represento uma parte do sistema de transporte e sei como é. O motorista recebe um tratamento para não cometer aquilo. Por exemplo, falar ao telefone. Um outro exemplo: é inaceitável o motorista do transporte pública avançar num semáforo vermelho, e acontece. É dessa forma que falamos. Não vamos, com certeza, resolver todos os problemas, mas o nosso papel é tentar melhorar, minimizar os problemas. E reclamações nesse sentido acontecerão muito. Por exemplo, dos ônibus de má qualidade. Isso, sim, é responsabilidade direta do empresariado.

- Manifestação fora do microfone.

(NÃO IDENTIFICADO) – Não é todo dia que nós temos o privilégio de estarmos reunidos com dois Vereadores à Mesa. E um deles, inclusive, é presidente da Comissão de Transporte.

Essa questão é crônica no transporte. Não é só para a pessoa com deficiência, é para o idoso, para o obeso.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, sim, sim.

(NÃO IDENTIFICADO) – Então quero fazer uma sugestão, se os dois Vereadores concordarem: de fazermos um PL que modifique a função do cobrador, porque hoje a própria Câmara decidiu que cobrador não é obrigatório no transporte, e que a empresa coloca o cobrador se ela quiser. Isso é um problema. Então eu quero pedir, sugerir, a esses dois Vereadores que estão na Mesa que saiamos daqui com o compromisso de elaborar um projeto de lei que modifique a função do cobrador; ou, se criarmos uma outra função, vamos precisar de um estudo técnico. Essa é a minha questão.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tá. Nós já discutimos, inclusive, um auxiliar de bordo, que não seria o cobrador, para ajudar. Mas aí podemos trabalhar em conjunto.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – É uma sugestão, lógico. (Palmas)

Então podemos trabalhar isso, sim.

Pedi para fazer uso da palavra, por 30 segundos, conforme uma devolutiva que teve aqui, o Sr. Alberto.

O SR. ALBERTO – Então, eu gostaria de trazer uma proposta de encaminhamento no sentido do Serviço do Atende.

Primeiramente, em relação a colocar, se fosse possível... Vocês falaram que... garantiram aqui na frente. E isso não me foi respondido por protocolo, porque eu questionei no 156 várias vezes. Eu tenho mais de 28 protocolos, porque eu já ouvi de diversos motoristas

que eles não recebem treinamento com pessoas com deficiência, que eles queriam saber a vivência, e não receber treinamentos, como vocês falam aqui, mas de uma vivência como uma pessoa com deficiência. Então a minha proposta é o seguinte: primeiro, em relação ao treinamento com os motoristas, deveria fazer um treinamento nas garagens, na minha opinião, com as pessoas com deficiência, e montar um grupo em que o motorista sinta a dificuldade da pessoa com deficiência; e não um treinamento que eles falam que eles não recebem. Diversos motoristas já falaram isso. Então essa é uma proposta de encaminhamento.

A outra proposta é sobre a questão de um monitor. Já ouvi de diversos motoristas: “se tivéssemos um monitor que soubesse lidar com todas as pessoas com deficiência dentro do transporte, para nós seria ótimo”. Motorista sempre fala isso. Porque o que acontece? O coordenador é uma pessoa com deficiência. E aí trago uma denúncia: está sendo limitado o acesso de vários tipos de deficiência dentro do transporte do Atende. O surdo-cego está sendo impedido de andar no transporte do Atende se ele não tiver acompanhante. O deficiente visual não pode andar no transporte do Atende durante a semana. Proposta de encaminhamento: Vereadores, aprovem uma lei... Isso está na lei, está na Constituição, é direito por igualdade. Você não pode fazer exceção de pessoas com deficiência, o transporte tem que atender como um todo, não atender deficiência A ou B. Está na lei. Você não pode fazer exceção de deficiente. Então a minha proposta de encaminhamento é para que os Vereadores coloquem uma lei que garanta o acesso. Ou então me dê acessibilidade na cidade. Se me derem, eu não preciso do Atende. Agora, é inadmissível que eu tenha que recorrer a um órgão do Ministério Público para eu poder me locomover na cidade. Eu não posso usar o Atende na semana porque eu sou deficiente visual, não está contemplado na regra. O surdo-cego está sendo impedido de usar o Atende porque não tem acompanhante no dia a dia.

Então, assim, eu acho que o desrespeito está aí. Então, a minha proposta de encaminhamento é um monitor treinado, porque o motorista não pode ficar com esse peso só nas costas. Eles não recebem treinamento para lidar com pessoas com deficiência. Eu queria tanto que um motorista pegasse um microfone aqui e falasse a respeito da pressão que eles

sofrem. Quando há denúncia, sempre sobre para o motorista, para o empresário não sobra. Tem motorista que até é mandado embora por causa do tratamento com a pessoa com deficiência. E não é assim. A gente tem de se por no lugar, tem de ter empatia.

Então, a minha proposta de encaminhamento é esta: um monitor treinado.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Só para reiterar: as reivindicações são justas, mas quero reiterar que há todo um treinamento. Não tenham dúvida: há treinamento constante nas empresas, na admissão, em tudo. Por isso que eu digo que precisa melhorar, mas também precisa ter entendimento do ser humano. O ser humano que é preparado para trabalhar, transportar e que também não é de graça, porque não é possível que eu seja preparado para cuidar de um assunto e que eu não tenha o mínimo compromisso com aquilo, sabendo que eu também recebo por aquilo.

Então, tem de deixar claro isso: há treinamento, sim. Podem ir a todos os auditórios das empresas: têm 2, 3, 4, 5 cadeiras de rodas, fazem simulações, vedam os olhos, pernas engessadas... Toda natureza que vocês imaginarem há treinamento. Entretanto, às vezes, o profissional não se atenta àquilo ou não sei, não quer se esforçar para dar uma atenção especial. Mas há, disso vocês não tenham dúvidas. Precisa melhorar? Precisa, muito. Precisa, até com base nas falas de vocês.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, de ônibus. Não é de Atende, não. É de ônibus.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, sim.

É isso mesmo. Eu só estou afirmando que há e que precisa melhorar. Inclusive, passam por psicólogos. Tem motorista que recebe muitas reclamações e, daí, ele é encaminhado para uma psicóloga, é afastado da empresa para poder se tratar. Então, isso há.

Todos aqui já falaram. Já fizemos as devolutivas e agora vamos nos preparar para

formalizar tudo isso, escrever tudo isso, inclusive para os conselhos. E será isso que a Assessoria da Comissão vai cobrar com os mandatos.

Eu sou o Presidente da Comissão de Trânsito e Transporte e nós vamos cobrar. A assessoria técnica está aqui justamente para isso. O problema é que precisamos encerrar.

Então, eu quero aqui fazer um agradecimento a todos vocês.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Vou agradecer ao Padre.

Padre, você quer falar? (Palmas)

Pelo menos meia dúzia de pessoas já me falou que temos de agradecer ao Padre.

Então, ninguém melhor que o próprio Padre para falar e, depois, a gente agradece.

Padre Marcelo.

O SR. MARCELO – Vereadores, demais representantes do Governo Municipal, autoridades e, de forma especial, vocês – irmãos e irmãs -, que são os causadores desta manhã tão rica, tão consciente, tão necessária. No dia a dia é que vamos percebendo o quanto a nossa Cidade é deficitária para quem tem mobilidade reduzida.

Então vocês, sem dúvida, fazem na luta como a de hoje uma Cidade melhor, mais humana. Estamos longe, muito longe disto, mas atos e reivindicações como estas é que constroem uma sociedade acessível. E sobre acessibilidade podemos falar da rua, mas tenho de cuidar da parte da Igreja, da parte que me toca.

Então peço perdão aos que não foram atendidos no sanitário ou em alguma necessidade porque nós também estamos passando por esse processo. Todas as igrejas têm de fazer a regularização dos seus imóveis e uma das necessidades urgente é a acessibilidade. A Igreja deveria ser a primeira a executar, mas não é.

Por isso, peço perdão, desculpas por aquilo que faltou na acessibilidade aqui nesta paróquia, mas também posso pedir nas outras paróquias das quais vocês participam e que nem sempre estão abertas as portas. Às vezes até tem acessibilidade, mas está fechada, tem de pedir a chave e dar a volta. Precisamos mudar isso e mudamos com palestra, reivindicação,

explicação, formação e treinamento, como ouvi vários de vocês falarem.

A Paróquia Santo Antonio de Lisboa fica muito feliz em atender ao pedido de vocês feito pela Sandra e por poder participar desta audiência que pode trazer e vai trazer transformações para a Cidade toda. Então imaginar que uma reunião como esta acontecida no salão aqui da Paróquia Santo Antonio de Lisboa pode e vai trazer mudanças, mesmo que sejam naquela esquina, rua, poste, ônibus ou Atende, para mim é motivo muito grande para continuar acreditando na vida e nas pessoas.

Deus abençoe a todos. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Valeu, Padre. Só para dar um dado para o senhor, há locais em que os cadeirantes são tratados com preconceito. O local menos preconceituoso é justamente na Igreja, com 6%. É uma pesquisa feita pelo IBOPE junto com a Rede Nossa São Paulo e li essa pesquisa aqui no início do nosso trabalho.

De antemão já quero agradecer a iniciativa do Padre Marcelo, que cedeu o espaço a pedido do Vereador Toninho Vespoli, para Realizarmos esta belíssima audiência pública.

Agradeço também os representantes da SPTrans, Srs. José Carlos, Francisco Antonio Toledo Olival, Edson Roberto Gimenes, João Lindolfo, Antonio Carlos Munhoz; representante da Secretaria Municipal de Mobilidade e Transporte, Silvio Roberto de Arruda Leme e o representante da CET, Jefferson Prado.

Quero fazer um agradecimento ao Vereador Toninho Vespoli, que levou a sugestão do requerimento. Em nome da douta Comissão de Trânsito, Transporte, Atividade Econômica, Turismo, Lazer e Gastronomia agradeço aos Vereadores Adilson Amadeu, DEM; George Hato, MDB; Mario Covas Neto, PODE; Quito Formiga, PSDB; Ricardo Teixeira, DEM; Senival Moura, PT, este que vos fala, e Xexéu Tripoli.

Finalizando, quero desejar a todos e todas um ótimo Natal, um Ano Novo maravilhoso. E que o próximo ano seja melhor para todos nós.

Nada mais havendo a ser tratado, estão encerrados os nossos trabalhos.